Anistia aos golpistas: a difícil construção do entendimento

ISTOÉ
A SEMANA
Edição 3 - 19/9/25

INACEITÁVEL

Assassinato do delegado aposentado Ruy Ferraz Fontes em Praia Grande (SP) é uma afronta ao estado de direito que precisa ser combatida de forma implacável pelo poder público

ISTOÉ sustentável

COP 30

UMA VITRINE INTERNACIONAL

Acompanhe a cobertura
do evento histórico em
sustentavel.istoe.com.br

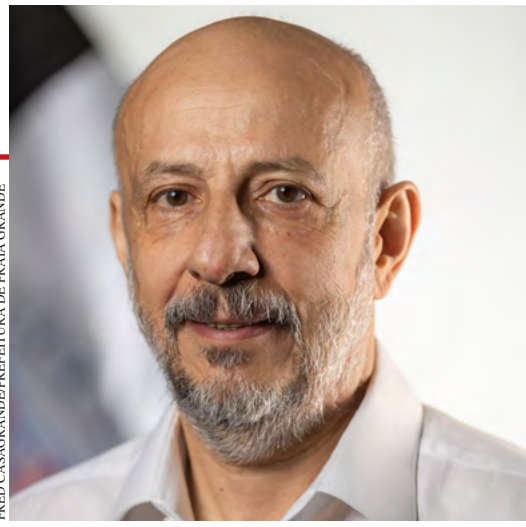
Carta ao leitor

Um combate implacável

A reportagem que começa na página 7 desta edição se debruça sobre um crime que chama atenção por uma série de características. A primeira – e óbvia – é a vítima em si e os traços da execução. Ruy Ferraz Fontes, policial aposentado, foi um agente da lei que transformou o combate ao crime organizado em obsessão. Dono de um currículo invejável na perseguição ao PCC, ele morreu desprotegido em meio a uma fuzilaria dentro de um automóvel popular perseguido por uma gangue alojada em uma SUV negra pelas ruas de Praia Grande, litoral paulista.

Como explica um policial entrevistado pelo repórter Leonardo Rodrigues, da IstoÉ, um crime assim é quase um recado dos bandidos para os agentes da lei que investigam e tentam desmantelar seus negócios: "Não mexam conosco, isso pode acontecer com vocês". Não por acaso, o ataque aconteceu semanas depois da maior operação já deflagrada contra a organização criada nos presídios paulistas, estrangulando ramificações em empresas de combustível, lavagem de dinheiro por fintechs e potências da região da avenida Faria Lima, centro financeiro do país.

Ninguém em sã consciência acredita que é possível se combater tal realidade sem um esforço descomunal. O crime está infiltrado nas empresas, na polícia, nas instituições. O dinheiro sujo irriga relações, abre portas e cristaliza negócios que têm o único objetivo de gerar mais crime. Mas é preciso reagir. De forma dura, incansável e implacável.



FRED CASAGRANDE/PREFEITURA DE PRAIA GRANDE

O delegado aposentado Ruy Ferraz Fontes, executado em uma fuzilaria na cidade de Praia Grande, São Paulo

Índice

CAPA: FOTO DE LULA MARQUES/AG. BRASIL E MONTAGEM COM FOTO DE FRED CASAGRANDE/PREF. DE PRAIA GRANDE

4 ENTREVISTA
7 BRASIL
13 ECONOMIA
17 INTERNACIONAL
22 TECNOLOGIA
24 SAÚDE
26 CIÊNCIA
28 GENTE
30 ESPORTE
32 ESTILO DE VIDA
35 ENTRETENIMENTO
38 OBITUÁRIO
40 O MELHOR DAS REDES
41 PALAVRA POR PALAVRA

REPRODUÇÃO YOUTUBE

Jimmy Kimmel: polêmica com a morte de Charlie Kirk

REPRODUÇÃO/FACEBOOK

Corais: oceanos ganham novo status com a COP30

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Hermeto Pascoal: a perda de um gênio da música

Expediente

ISTOÉ publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.
CEO E DIRETOR EDITORIAL: Daniel Hessel Teich

ISTOÉ A SEMANA
EDITORA-EXECUTIVA: Lena Castellón
DIRETOR DE ARTE: Alexandre Akermann
DESIGNER: Mayara Novais
DIRETOR DE MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA: Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br
Instagram: @revistaistoe
YouTube: m.youtube.com/@revistaISTOE
X: @revistaISTOE
TikTok: @revistaistoe
LinkedIn: https://www.linkedin.com/company/istoe/
Redação e correspondência:
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi, São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ – A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)

Sóstenes Cavalcante: "O plano A, B e C do PL em 2026 é Jair Messias Bolsonaro"

DANIEL MEDEIROS/ISTOÉ

A anatomia da invasão

Líder do PL, Sóstenes Cavalcante detalha a estratégia dos bolsonaristas durante a tumultuada e polêmica ocupação do plenário da Câmara em agosto na ação para pressionar pela anistia

Uma coletiva de imprensa foi a estratégia usada pelo líder do PL na Câmara dos Deputados, Sóstenes Cavalcante, para desviar as atenções da invasão dos parlamentares bolsonaristas à Mesa Diretora do plenário no dia 5 de agosto, um movimento articulado para protestar contra a prisão domiciliar de Jair Bolsonaro e para exercer pressão em favor da anistia aos envolvidos nos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023. O deputado alagoano negou desgastes políticos com a pauta, da qual o partido não abre mão. Sem medir palavras, ele acusa o ministro do STF Alexandre de Moraes de manipular outros integrantes do Supremo.

João Vitor Revedilho

Como o PL pretende conter os impactos da condenação de Jair Bolsonaro?

Lamentavelmente, essa condenação é política, não jurídica. O voto do ministro Luiz Fux foi técnico e evidenciou os vícios que já denunciamos. O primeiro condenado do 8 de janeiro foi julgado pelo plenário do STF, mas depois os processos passaram para a turma ligada a Alexandre de Moraes (relator do processo que culminou na condenação dos réus), o que deu ao julgamento um caráter mais político que jurídico. É triste ver alguém condenado por um "pseudo golpe" que nunca ocorreu. Do ponto de vista jurídico, cabem embargos e recursos; no campo político, seguimos com a pauta da anistia no Congresso, que deve alcançar todos os presos políticos, começando pelo presidente Bolsonaro.

Como avalia o julgamento do STF, especialmente os votos divergentes de Moraes e Fux?

A divergência do ministro Fux reforça a inocência de Bolsonaro. Hoje se normaliza algo anormal no Estado Democrático de Direito: um juiz abrir inquéritos sem o Ministério Público, como nos casos das fake news e do suposto golpe, atuando como investigador, acusador e até vítima. No julgamento, o próprio Moraes disse ser alvo de um plano para assassinato, o que torna incompatível sua posição de julgador. Esse processo está cheio de nulidades e se transformou em julgamento político. Como o STF passou a fazer política, caberá ao Congresso – eleito para isso – corrigir essa distorção. Além disso, ex-presidente não tem foro privilegiado, e queremos discutir no Parlamento o fim desses privilégios, para que qualquer político seja julgado como cidadão comum.

O que está por trás do avanço da anistia? A pressão do governador de São Paulo Tarcísio de Freitas foi decisiva para superar a resistência do presidente da Câmara, Hugo Motta?

Hugo Motta e Davi Alcolumbre, quando disputavam a presidência da Câmara e do Senado, se comprometeram com o PL a pautar a anistia. No entanto, no primeiro semestre, ministros do STF

DANIEL MEDEIROS/ISTOÉ

pressionaram ambos, o que travou o avanço. Após o recesso, com a tornozeleira imposta a Bolsonaro, decidimos ocupar as duas Casas como protesto. Desde então, articulamos maioria na Câmara para forçar a votação, e agora a anistia deve finalmente ir a plenário [na noite de quarta-feira, 17, o plenário aprovou requerimento de urgência para o PL 2162/2023, o da anistia] abrangendo desde o inquérito das fake news até a promulgação, para contemplar todos os perseguidos por esses processos ilegais.

A discussão da anistia antes da condenação não foi precipitada? Isso não desgastou a imagem da direita e do projeto?

São dois momentos distintos. No início, a luta pela anistia mirava os condenados da época, como a Débora do batom, símbolo de milhares de presos que receberam penas de até 17 anos sem provas de participação em crimes. Nunca defendemos depredação de patrimônio público; as manifestações da direita não tiveram quebra-quebra ou roubos, apenas confusão, em episódio em que as imagens sumiram quando Flávio Dino estava no Ministério da Justiça. Se houve invasão ou depredação, cada um deve responder individualmente. Mas sentar na cadeira de ministro do STF é crime? Isso precisa ser visto no Código Penal. A anistia não era para Bolsonaro nem para os atuais condenados, mas, após a condenação dele, passamos a incluí-lo por entender que o julgamento é político. A entrada do governador Tarcísio foi decisiva, ao garantir o apoio do Republicanos e cerca de 30 votos, o que reaqueceu a proposta neste momento.

Como avalia o desgaste do PL após a defesa da PEC das Prerrogativas e os episódios de ocupação do plenário?

Não houve desgaste com a ocupação. A anistia era uma exigência do nosso eleitor, que cobrava porque tínhamos dois vice-presidentes, mas não avançávamos em nossa principal pauta. Sem progresso, chegamos a obstruir votações no primeiro semestre, mas PL e Novo sozinhos não alcançam os 257 votos necessários. O eleitor nos dizia para aprender com a esquerda, e organizamos a ocupação de forma ordeira, diferente das deles. Não foi improvisada; pensamos até em evitar provocações que levassem a processos no Conselho de Ética. Houve, sim, surpresa com a volta antecipada do presidente Hugo Motta, o que gerou a cena de desgaste para todos. O presidente Alcolumbre, nesse ponto, foi mais hábil, segurando as sessões e permitindo uma desocupação menos tensa. Quanto à PEC das Prerrogativas, tenho orgulho de defendê-la – salvo em casos de corrupção ou crimes graves. Ela é constitucional e reafirma o critério previsto desde a Constituinte de 1988.

O senhor disse que a ação foi planejada. Em quanto tempo vocês planejaram essa invasão?

De um dia para o outro. Planejamos na segunda-feira à noite, na reunião do partido do PL, e ocupamos na terça-feira. Por isso, nós demos a entrevista coletiva na rampa. Enquanto estávamos dando a entrevista coletiva na rampa, nós já tínhamos pessoas ocupando a mesa da Câmara e do Senado. A entrevista coletiva era um disfarce para a gente poder ocupar as duas casas.

O projeto de anistia total será alterado pelo relator do Centrão. Aceitariam uma versão com redução de pena em vez de anistia integral?

É natural no processo legislativo o texto sofrer alterações. Agora, a anistia é uma demanda do PL. É a atribuição do presidente e eu tenho certeza que ele vai fazer a melhor escolha de um relator [o eleito foi o deputado Paulinho da Força (Solidariedade-SP)]. Se o relatório apresentar discordâncias sobre o que queremos, nós não temos interesse em votar. Não abriremos mão de que o texto venha estruturado com aquilo que queremos. Temos preocupação com o tirano com o qual estamos lidando [referindo-se a Alexandre de Moraes]. A prisão do presidente Bolsonaro, se possível na Papuda, seria a cereja do bolo para o tirano Moraes. É isso que ele quer. Acha que vai parar por aí? Ele ainda está com os rifles de sua ditadura apontada para todo e qualquer possível candidato ao Senado da direita que tenha chance de ganhar a eleição. Gustavo Gayer, Filipe Barros, Bia Kicis, Michelle Bolsonaro, Carlos e Eduardo Bolsonaro. Depois da prisão do Bolsonaro, ele vai "matar" um a um de quem tem chance no Senado para impedir seu impeachment em 2027. Só a anistia poderá estancar esse ditador, anulando desde o primeiro inquérito, lá em 2019, até o inquérito do golpe de Estado.

DANIEL MEDEIROS/ISTOÉ

O Senado quer aprovar um texto com redução de pena sem incluir Bolsonaro. Como vê essa articulação e a resistência de Davi Alcolumbre em beneficiar o ex-presidente?

O presidente Davi Alcolumbre deveria ter vergonha de dizer que tem projeto alinhado com o STF. A Constituição é clara: legislar é prerrogativa do Congresso, não dos ministros. Essa postura é subserviência ao que virou um "superpoder". Para comandar a Casa, ele precisa de maioria, e hoje já temos 41 assinaturas no Senado pelo impeachment de Alexandre de Moraes. Se há força para isso, também haverá para aprovar a anistia, que é uma pauta mais leve. Alcolumbre tem poder, mas não pode tudo. Com o volume de apoio que sairá da votação, não conseguirá segurar. Por ser experiente e perspicaz, vai acabar colocando o tema em pauta.

Passada a anistia, qual será a prioridade do PL no Congresso Nacional?

Depois da anistia, nossa prioridade será acabar com o foro privilegiado. Nenhum político merece privilégio: se o cidadão comum é julgado em três instâncias, não faz sentido um parlamentar responder direto no STF. Foro é questão de justiça e igualdade, além de evitar a chantagem de ministros sobre parlamentares. Seguiremos também vigilantes contra um governo que, na nossa visão, é perdulário e voltou a conviver com a corrupção. As operações da Polícia Federal mostram malas de dinheiro reaparecendo, um cenário que o Brasil já não via há anos.

Com Bolsonaro condenado no TSE e no STF, como fica sua substituição na liderança política?

O presidente Lula estava preso e condenado. Ninguém acreditava que ele seria candidato em 2022 e eleito. Foi e está presidindo o Brasil. O presidente Bolsonaro está com duas inelegibilidades, são duas acusações infundadas, que eu tenho convicção que, com a mudança do TSE, em junho, com a chegada do presidente Kássio Nunes, é plenamente possível reverter este quadro. Com relação à condenação, agora criminal, a gente vai trabalhar a anistia, inclusive, eu acho que a gente pode até resolver o problema da inelegibilidade. O plano A, B e C do PL para 2026 é Jair Messias Bolsonaro. Esse é o nosso candidato. Ele pode ter problemas de saúde, como está atualmente, e decidir pela escolha de um nome. Se ele decidir isso, ele é que tem de nos comunicar, desistir da candidatura e apontar o sucessor. Vamos apoiar quem ele indicar, porque devemos lealdade ao nosso líder maior.

Tarcísio de Freitas é o nome natural para assumir o lugar de Bolsonaro em 2026?

Tarcísio nunca será maior que Bolsonaro. Não costumo chamá-lo de mito, mas ele é um fenômeno político. Como disse Valdemar Costa Neto: "Bolsonaro não é normal". Acontece uma vez a cada cem anos. Já Tarcísio é um grande quadro nacional, governador do maior estado do país, com força eleitoral e econômica. Se não for Bolsonaro, será um excelente nome, abraçado por todos. Sua fala na Paulista, em 7 de setembro, não atacou o STF, mas criticou Alexandre de Moraes, a quem chamou de tirano. A direita não ataca instituições, mas não se furtará a criticar ministros que, em nossa visão, violam a Constituição. Para mim, Moraes é um violador de direitos humanos, já reconhecido internacionalmente, e sua postura autoritária merece repúdio. Ao chamá-lo de tirano, Tarcísio disse exatamente o que pensamos.

Ministros como Cármen Lúcia, Flávio Dino e Cristiano Zanin, que votaram com Moraes, não deveriam ser igualmente questionados?

Sobre o ministro Flávio Dino vou dispensar comentários. É um ministro assumidamente comunista e ele tem orgulho de falar isso, além de ter sido indicado pelo Lula para entregar serviços a ele. Eu entendo que o ministro Alexandre de Moraes é peculiar, um psicopata, um ditador, com características de manipular. Tristemente acho que está manipulando os outros ministros do STF, por circunstâncias corporativas ou outras que desconheço. Ele manipula esses outros ministros porque, à luz do direito, não precisa ser ministro para entender os erros processuais deste processo de golpe. O ministro Alexandre de Moraes tristemente está rasgando sua autobiografia. Era um constitucionalista lido e estudado por alunos da faculdade de direito. Hoje, conheço vários alunos que têm vergonha de dizer que estudaram livros do Alexandre de Moraes, pois tudo que ele escreveu não está sendo feito atualmente. É lamentável esse comportamento e é triste ter de assumir que alguns ministros estão sendo cooptados por um psicopata. Isso é típico de um manipulador psicopata; é o que ele faz. ■

O ex-delegado Ruy Ferraz Fontes recebeu homenagens de familiares, amigos e colegas da polícia na Assembleia Legislativa de São Paulo

PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

ATAQUE AO CORAÇÃO DO ESTADO

O fuzilamento do delegado aposentado Ruy Ferraz Fontes na cidade de Praia Grande demonstra o desafio colossal de se combater uma facção que se transformou em organização mafiosa

DIVULGAÇÃO/POLÍCIA CIVIL DE SP

Leonardo Rodrigues

Às 18h02 de segunda-feira, 15 de setembro, quatro criminosos a bordo de uma Hilux SW4 estacionaram na rua Arnaldo Vitulli, em Praia Grande (SP), a postos para uma emboscada. O alvo era Ruy Ferraz Fontes, de 63 anos, policial aposentado e ex-delegado-geral da Polícia Civil de São Paulo entre 2019 e 2022. Assim que Fontes passou pelos criminosos com seu Fiat Argo, iniciou-se uma perseguição que durou poucos minutos – mesmo porque a condição de desvantagem do ex-delegado era gritante. Com o Fiat em alta velocidade, Fontes perdeu o controle do automóvel e colidiu com dois ônibus, na avenida Doutor Roberto de Almeida Vinhas.

O que se seguiu depois ficou gravado em vídeos feitos por câmeras de monitoramento de trânsito, compartilhados e exibidos em looping nas redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas. No momento da execução, é possível ver os três atiradores — o quarto criminoso permaneceu no carro para a fuga — se dirigindo ao veículo de Fontes, com armamento de grosso calibre em mãos, e disparando mais de 20 vezes. Um homem e uma mulher que

Para Derrite, não há dúvida de que o PCC participou do assassinato

AGESP

passavam pelo local foram atingidos, e dezenas de outras pessoas testemunharam a execução.

Horas depois, a secretaria estadual da Segurança Pública anunciou uma força-tarefa para desvendar o crime, com envio de policiais civis e militares à Baixada Santista. A robustez da reação refletiu o peso do ocorrido, entendido como uma afronta às autoridades e ao poder do Estado. Não apenas por se tratar da execução pública de um delegado aposentado, mas porque Fontes era um dos alvos prioritários do Primeiro Comando da Capital, o PCC, principal facção criminosa de São Paulo. "Quando uma facção tira a vida de um ex-delegado geral, ela demonstra a intenção de afrontar o Estado", disse à IstoÉ a delegada Jacqueline Valadares, da Polícia Civil.

Para especialistas na atuação do crime organizado, o ex-delegado representava um inimigo visceral do PCC, ainda que atualmente empregado na posição burocrática de secretário municipal de Administração da cidade praiana paulista. Fontes foi um dos primeiros delegados brasileiros a se especializar no combate ao crime organizado e comandou a transferência da alta cúpula da facção para o presídio de segurança máxima de Presidente Venceslau, no interior do estado. A operação desencadeou a reação mais violenta do grupo — os ataques de maio de 2006, que deixaram 564 mortos.

Um dos detentos transferidos na ocasião foi Marcos Willians Herbas Camacho, o Marcola. "Esse episódio provocou seu decreto de morte. Em 2010, houve uma tentativa frustrada de assassiná-lo na frente do 69º Distrito Policial; em 2024, cheguei a avisá-lo de que estavam cobrando sua morte. As ordens de execução permanecem, não são retiradas", disse à IstoÉ Lincoln Gakiya, promotor do Grupo de Atuação Especial de Combate às Organizações Criminosas (Gaeco) de São Paulo. O assassinato de Fontes reúne indícios de planejamento prévio e reproduz padrões de ação da facção, hoje uma organização muito mais próxima de uma poderosa estrutura mafiosa com conexões em todo país e no exterior, do que o bando de criminosos cooptados dentro de presídios do passado. "Os assassinos estudaram o cotidiano da vítima, planejaram cuidadosamente cada detalhe e exibiram um impressionante conhecimento no manuseio de armamento de grosso calibre", explica Leonardo de Carvalho, pesquisador sênior do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Um dos aspectos mais cruéis e chocantes da ação contra Fontes é o fato de ter tomado como alvo um policial, ainda que com um histórico impressionante de combate ao crime, já estava distante de posições estratégicas há vários anos. Segundo Lincoln Gakiya, do Gaeco, o principal objetivo dos criminosos ao assassinar alguém do perfil de Fontes é transmitir um recado aos agentes que estão na ativa. "É como dizer: 'Quem se meter com a facção, terminará como ele'". O promotor lembrou do caso de José Ismael Pedrosa, diretor do presídio do Carandiru na rebelião de 1992, executado por integrantes do PCC mais de dois anos depois de se aposentar.

Além de Fontes ser um alvo conhecido, chama atenção que o crime aconteça menos de um mês após uma operação cumprir 42 mandados na Avenida Faria Lima, principal centro financeiro do país, com o objetivo de desarticular um dos braços mais lucrativos do grupo criminoso: as fraudes no setor de combustíveis com ramificações por fintechs e gestoras de recursos (confira matéria sobre uma dessas empresas, a Reag, na página 15). Batizada como Operação Carbono Oculto, juntou agentes da Receita Federal do Brasil, do Ministério Público do Estado de São Paulo (MPSP), Gaeco. Segundo as investigações, o esquema pode ter movimentado mais de 46 bilhões de reais não rastreáveis apenas no período entre 2020 e 2024. Por sua abrangência, tratou-se da maior operação contra o crime organizado da história do país.

Em meio à surpresa e ao choque de um ataque tão violento, surgiram hipóteses secundárias para o crime, como possíveis vinganças ou rixas envolvendo Fontes a partir de seu trabalho como secretário da Prefeitura de Praia Grande. Na quinta-feira, 18, o secretário da Segurança Pública, Guilherme Derrite, disse não restar dúvida de que a facção participou do assassinato. Os investigadores identificaram e pediram a prisão de Flávio Henrique Ferreira de Souza, de 24 anos, e Felipe Avelino da Silva, de 33, que seguem foragidos. Dahesly Oliveira Pires, de 25, foi presa por suspeita de buscar um dos fuzis usados no crime. A emboscada da Praia Grande acabou ampliada por uma camada adicional de indignação pelo fato de que um policial reconhecido pelo combate ao crime organizado ter morrido sem contar com qualquer aparato de proteção além de uma arma de uso pessoal. Essa era a realidade de Fontes desde que se aposentou, em janeiro de 2023. Em entrevista concedida em agosto, ele relatou que vivia "sozinho, no meio deles [criminosos]", sem qualquer estrutura de apoio para se defender. Segundo a Polícia Civil, ele tinha direito a pedir escolta após deixar a ativa, mas não o fez.

A falta de proteção aos agentes envolvidos com investigações de risco é um problema conhecido. "Mesmo os investigadores da ativa do combate ao crime organizado não têm esse direito", diz

Cinco nomes "jurados" pela facção

Antônio José Machado Dias

Juiz-corregedor responsável por investigações contra o PCC, o "Dr. Machadinho", como era conhecido, foi executado a tiros em março de 2003 após deixar o Fórum de Presidente Prudente (SP). Uma denúncia feita ao Ministério Público revelou que, uma década depois, os responsáveis pela execução ainda recebiam uma "pensão" da facção.

José Ismael Pedrosa

Diretor do presídio do Carandiru na rebelião de 1992, quando 111 detentos foram mortos, Pedrosa era considerado o "inimigo número 1" do PCC em outubro de 2005, quando foi executado com 10 tiros enquanto dirigia. Três integrantes da facção foram presos pelo crime.

Lincoln Gakiya

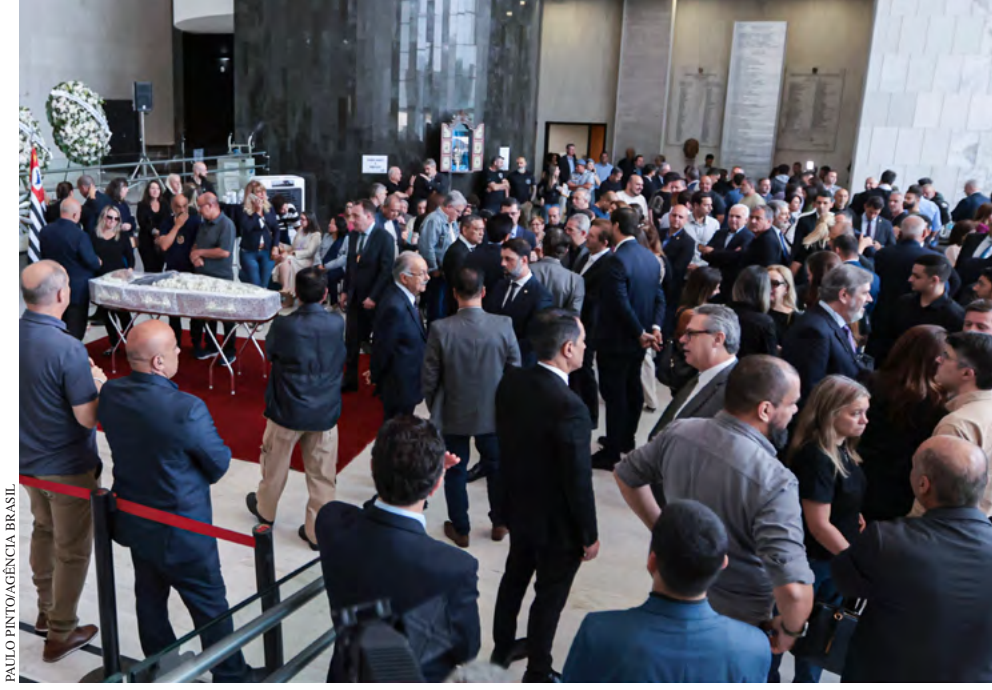
Promotor do Gaeco de São Paulo, Gakiya é um dos mais conhecidos combatentes do PCC e vive há anos sob escolta policial permanente em razão das dezenas de ameaças de morte acumuladas no período. O promotor diz que sua rotina é monitorada diariamente pela facção.

Sergio Moro

O senador e seus familiares foram alvo de um plano de extorsão e sequestro que começou a ser organizado pelo PCC em maio de 2022. O objetivo era retaliar a ordem dada por Moro, quando era ministro da Justiça, para transferir lideranças do PCC – incluindo Marco Willians Herbas Camacho, o "Marcola" – a presídios federais em 2019. Oito integrantes da facção foram presos.

Amauri Silveira Filho

Em agosto de 2025, policiais descobriram um plano para executar o promotor do Gaeco de Campinas (SP). O objetivo era interromper investigações conduzidas por ele sobre os crimes cometidos pelo PCC. Dois suspeitos foram presos e um dos chefes da facção, Sérgio Luiz de Freitas Filho, está foragido.



PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

Não há lei para garantir proteção a policiais e juízes ameaçados por criminosos

Jacqueline Valadares. "É importante que o governo do estado observe este episódio para investir na estrutura oferecida aos seus policiais, ou arriscamos voltar a presenciar afrontas".

A polêmica lançou a confusão no colo do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Nas entrevistas sobre o assunto teve de enfrentar não apenas o desconforto de ter uma guerra inglória contra o crime organizado no território que governa, como pelo constrangimento de ter que justificar o que foi entendido como o abandono de um dos mais competentes e aguerridos combatentes que atuaram contra o PCC. "Não existe isso (proteção especial) hoje no nosso regramento, não existe isso na nossa legislação, mas é algo que a gente tem que parar pra pensar. Autoridades, pessoas que se dedicam ao combate ao crime organizado. Elas saem (do cargo), mas a memória do crime fica. Então, a gente tem que proteger essas pessoas", afirmou o governador em uma coletiva sobre o crime.

As circunstâncias da execução se aproximam de forma escancarada de outro crime recente que assombrou todo o país pela ousadia e a afronta ao poder constituído. Em novembro de 2024, o advogado e delator de crimes praticados por policiais corruptos e o PCC, Vinícius Gritzbach, foi morto a tiros no terminal 2 do Aeroporto de Guarulhos. No ataque, captado por câmeras em vários ângulos, foram feridas três pessoas, entre elas o motorista de aplicativo Celso Araujo Sampaio de Novais, que morreu dias depois. Envolvido em uma articulação política complexa para costurar o processo de anistia aos envolvidos na trama golpistas, entre eles o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), condenado a 27 anos e três meses no dia 11 de setembro, Tarcísio se viu obrigado a rever seus planos. Com o crime de Praia Grande, cancelou uma viagem a Brasília e se recolheu a agendas internas no Palácio dos Bandeirantes e viagens ao interior do estado.

O crime repercutiu em Brasília e o Governo Federal ofereceu o apoio da PF para auxiliar as investigações – o que foi polidamente recusado pela polícia de São Paulo. Mário Sarrubbo, secretário nacional de Segurança Pública, disse que o Ministério da Justiça apresentará ao presidente Lula e ao Congresso um projeto para mudar a lei das organizações criminosas e "prever proteção a testemunhas e agentes públicos, mesmo após a aposentadoria".

De fato, não há nenhuma lei para garantir proteção a policiais, promotores e juízes ameaçados por grupos criminosos. Acompanhado diariamente por uma forte escolta solicitada pelo Ministério Público, Lincoln Gakiya reconheceu os riscos que correrá caso tenha o recurso revogado pelo governo de ocasião ou decida se aposentar. "Os acordos para obter essa proteção são pontuais e frágeis. As chances de manutenção na aposentadoria, por exemplo, são muito remotas. O dia que eu me aposentar, eu não duro uma semana", diz o promotor. ■

Anistia à brasileira

Bolsonaristas celebram a aprovação da tramitação do PL para livrar os envolvidos na trama golpista, mas iniciativa envolverá uma complexa costura política que deve se arrastar até outubro

João Vitor Revedilho, de Brasília

Após o resultado da votação que agilizou a tramitação do Projeto de Lei 2162/2023, conhecido como PL da Anistia, na noite da quarta-feira, 17, uma oração ecoava no plenário da Câmara dos Deputados. Bolsonaristas rezavam o "Pai Nosso", manifestando alívio por conseguir emplacar um projeto negociado há pelo menos 11 meses. Em outra parte da casa, parlamentares petistas lamentavam a derrota, após uma tentativa para barrar o avanço da proposta, que se estendeu até os 45 minutos do segundo tempo. Horas antes da votação, lideranças do Centrão e governistas apostavam que a urgência não teria os votos necessários. A expectativa passou longe da realidade: foram 311 votos pelo avanço da anistia (e 163 contrários, além de 7 abstenções).

Ao menos desde outubro, bolsonaristas cobravam um projeto que pudesse anular quaisquer chances de condenação do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), acusado de participar da trama golpista. Ele foi condenado a 27 anos e três meses de prisão pela Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF). Desde fevereiro, o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), absorveu as pressões, colocando o tema na geladeira até o final do julgamento.

Com a condenação confirmada, Motta passou a costurar nos bastidores opções para que avançasse um projeto que tivesse viabilidade jurídica e que pudesse ser aprovado no Senado. As articulações aconteceram em silêncio, durante o fim de semana.

Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), presidente do Senado, elaborou uma opção para conseguir agradar gregos e troianos. O esboço do projeto prevê uma anistia "light", com redução das penas para os condenados do 8 de janeiro, excluindo Bolsonaro e a alta cúpula do Planalto do governo anterior.

O formato é bem diferente do que previam os bolsonaristas, mas, enquanto alguns cantam a vitória antes da hora, outros admitem nos bastidores que o ex-presidente não será beneficiado.

A estratégia é ver como amenizar a pena ou, até mesmo, manter a inelegibilidade de Bolsonaro em troca do perdão da pena.

A costura do acordo passou pelas mãos de ministros do STF, que avalizaram a iniciativa. Motta também almoçou com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no Palácio do Alvorada para receber a benção em meio à pressão sofrida no Salão Verde.

Após uma terça-feira de intensa votação pela PEC da Blindagem, Motta convocou os líderes para uma reunião às 19h30 da quarta-feira, 17. O encontro não demorou muito. Cerca de uma hora depois, o martelo estava batido pela aprovação da urgência. O presidente da Câmara escolheu um projeto protocolado pelo deputado Marcelo Crivella (Republicanos-RJ) e cravou o nome do relator: o deputado federal Paulinho da Força (Solidariedade-SP).

A escolha do nome do responsável pelo texto não foi por acaso. Paulinho tem ótimo trânsito no Supremo, principalmente com o ministro do STF Alexandre de Moraes, relator dos processos sobre o 8 de janeiro e do inquérito contra Bolsonaro.

O deputado já avisou intermediários que não aceitará uma anistia "total e irrestrita" como querem os bolsonaristas. O relatório deverá focar exclusivamente na redução de penas, mantendo a condenação do ex-presidente e a sua inelegibilidade.

A votação do PL não acontecerá antes da primeira semana de outubro. Além da construção de um novo substitutivo ao projeto, petistas atuam nos bastidores para definhar o texto de forma gradativa. Já a oposição tenta encontrar alternativas para que Bolsonaro seja atingido minimamente.■

Deputados comemoraram a aprovação do PL da Anistia no plenário da Câmara: início de uma complicada negociação

BRUNO SPADA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

Casas divididas

Aprovada na Câmara, a PEC da Blindagem, que protege políticos de investigações, enfrenta resistência no Senado; proposta é acusada de ressuscitar impunidade no país

Davi Alcolumbre, presidente do Senado, deve travar a PEC, que também é questionada no STF

CARLOS MOURA/AGÊNCIA SENADO

Em uma sessão que se estendeu até o fim da noite da terça-feira, 16, a Câmara dos Deputados deu um passo ousado para proteger políticos de investigações da Justiça e da Polícia Federal. Com 344 votos a favor e 133 contrários no segundo turno, foi aprovada a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 3/2021, apelidada de "PEC da Blindagem". O texto, que agora segue para o Senado, ressuscita um mecanismo polêmico: a exigência de autorização prévia e secreta do Legislativo para que o Supremo Tribunal Federal (STF) possa abrir processos criminais contra parlamentares.

A proposta estende o foro privilegiado a presidentes nacionais de partidos e, por um entendimento prévio do STF, também a deputados estaduais e distritais. Se promulgada, a PEC travaria de imediato 36 inquéritos contra 108 parlamentares que hoje tramitam na Suprema Corte. Os defensores da medida argumentam que ela é uma reação necessária ao que consideram "abuso de poder" do Judiciário e restabeleceria prerrogativas da Constituição de 1988. Historiadores e entidades, no entanto, lembram que a regra foi derrubada em 2001, sob intensa pressão popular, após ter inviabilizado 253 investigações contra políticos em pouco mais de uma década.

A PEC da Blindagem, porém, não deverá ter o mesmo trânsito no Senado, expondo uma fratura no Congresso. Na Câmara, ela foi aprovada com votos do Centrão e de uma parte do PT. Senadores avaliam não haver apoio ao texto neste momento, nem do Centrão. A expectativa é que a proposta fique travada na mesa do presidente da Casa, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP). O presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) no Senado, Otto Alencar (PSD-BA), já bateu o martelo e disse que não avança com o projeto no colegiado. Renan Calheiros (MDB-AL) é outro que declarou seu voto contrário ao texto.

Os posicionamentos dos senadores a respeito da PEC da Blindagem seguem o movimento de bom relacionamento entre a Casa e o STF, que é contrário ao projeto. Alcolumbre, por exemplo, barra todos os pedidos de impeachment contra ministros da Corte.

A batalha contra a PEC também chegou ao Judiciário. O líder do PT na Câmara, Lindbergh Farias (RJ), acionou o STF com um mandado de segurança, alegando graves violações no rito de aprovação. Segundo o petista, manobras regimentais foram usadas para acelerar o trâmite e garantir o quórum, desrespeitando os princípios de transparência e o direito dos parlamentares ao devido processo legislativo.

A sociedade civil organizada engrossa o coro dos críticos, com abaixo-assinados distribuídos pelos meios digitais e com atos de protestos organizados em diversas capitais para o domingo 21 – entidades também devem criticar o PL da Anistia, que teve a tramitação em urgência aprovada na Câmara, no dia seguinte à votação do PEC da Blindagem. O Instituto Não Aceito Corrupção (Inac) classificou a proposta como uma "tentativa sequer disfarçada de quebra grotesca do sistema de freios e contrapesos". Para a Transparência Internacional, a proposta agrava os riscos de infiltração do crime organizado na política, ao dificultar investigações. O argumento central é unânime: a PEC cria uma "casta de intocáveis", afrontando o princípio de que todos são iguais perante a lei. ■

Retratos de família

No pós-julgamento do golpe, os Bolsonaro viveram momentos distintos: Eduardo, o filho 03, foi indicado como líder da minoria na Câmara; Jair, o ex-presidente, descobriu dois tumores

Eduardo Bolsonaro foi indicado líder da minoria

JESSICA KOSCIELNIAK/REUTERS

A semana trouxe dois episódios que expõem, de maneiras diferentes, os dilemas políticos e pessoais da família Bolsonaro. De um lado, o terceiro filho do ex-presidente, Eduardo Bolsonaro (PL-SP), foi indicado pelo Partido Liberal para assumir a liderança da minoria na Câmara dos Deputados. A decisão foi anunciada na terça-feira, 16. A deputada Caroline de Toni (PL-SC) renunciou ao cargo, entregando a função ao colega em um gesto justificado como ato de solidariedade aos Bolsonaro, o que cumpre prisão domiciliar e o que está nos Estados Unidos.

A escolha, no entanto, já é alvo de contestação. O PT e o PSOL protocolaram pedidos na Procuradoria-Geral da República contra a nomeação e prometem questionar no Conselho de Ética o acúmulo de faltas do parlamentar. Para líderes da oposição, a manobra tem um objetivo: proteger Eduardo de eventual cassação por ausência prolongada.

Eduardo está nos Estados Unidos desde março. Oficialmente, se mudou para articular junto ao governo de Donald Trump sanções contra o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), relator do processo que condenou seu pai. Durante esse período, chegou a pedir licença não remunerada, mas desde então prolongou a permanência no exterior e passou a enfrentar críticas por se manter distante da rotina legislativa.

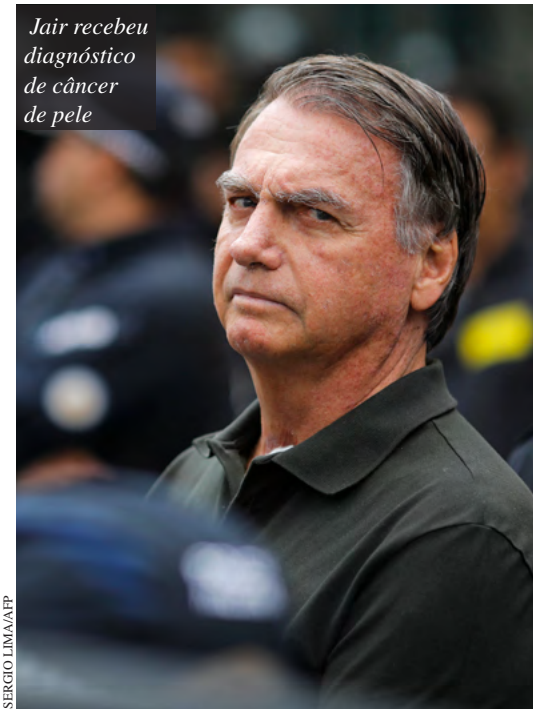
Ao ser indicado como líder da minoria, o filho "03" ganha mais flexibilidade regimental para justificar faltas em votações e mantém salário e prerrogativas parlamentares, ainda que a nomeação precise ser confirmada pelo presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB).

A reação da oposição foi imediata e contundente. O PT e o PSOL anunciaram que acionarão a Procuradoria-Geral da República (PGR) contra o que consideram uma fraude ao regimento da Casa. "É uma medida para tentar burlar a inteligência do povo brasileiro", afirmou a deputada Fernanda Melchionna (PSOL-RS), que apresentou na Câmara caixas com mais de 400 mil assinaturas pedindo a cassação de Eduardo. Para o deputado Glauber Braga (PSOL-RJ), a indicação de um líder que atua de outra nação em "conspiração contra o nosso país" é um "absurdo que não pode ser naturalizado".

Enquanto Eduardo tenta assegurar sobrevivência política a distância, o pai, Jair Bolsonaro, enfrenta novas dificuldades de saúde. Na terça-feira, 16, o ex-presidente precisou ser levado às pressas para um hospital em Brasília após apresentar crises de soluço, vômitos e queda de pressão arterial. Autorizado a deixar sua casa para realizar exames médicos, Bolsonaro já havia passado por procedimentos no domingo anterior para retirar lesões de pele. O laudo divulgado no dia seguinte confirmou o diagnóstico: carcinoma de células escamosas em duas das oito lesões retiradas.

O carcinoma escamoso é um tipo de câncer de pele que, embora comum e geralmente tratável, exige acompanhamento médico rigoroso. Ele se desenvolve nas camadas superficiais da pele e, se não tratado, pode evoluir para formas invasivas. No caso do ex-presidente, o tumor foi classificado como "in situ", o que indica que está restrito à área em que surgiu e não apresenta sinais de metástase. Ainda assim, os médicos recomendam vigilância constante e reavaliações periódicas. Bolsonaro recebeu alta após melhora do quadro clínico, mas seguirá monitorado.

Esses dois momentos – com Eduardo buscando blindagem política a partir dos Estados Unidos e Jair preso em casa e com a saúde debilitada –, evidenciam a complexa situação que vive a família que já ocupou o centro do poder no Brasil. ■



Jair recebeu diagnóstico de câncer de pele

SERGIO LIMA/AFP

Os juros seguem amargos

Copom mantém Selic em 15% e sinaliza que corte nos juros pode demorar. Nos EUA, a taxa é reduzida pela primeira vez em nove meses, em meio a pressões de Trump

Ana Carolina Nunes

ADOBE STOCK

Analistas avaliam mensagem do Copom, que indica dificuldade de mudanças no curto prazo

A chamada "Superquarta" da economia, dia em que as decisões de juros do Brasil e dos Estados Unidos coincidem, foi marcada pelo Federal Reserve (Fed), o banco central americano, cortando sua taxa básica em 0,25 ponto percentual, para a faixa de 4% a 4,25%, e o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) brasileiro decidindo por manter a Selic (a taxa básica de juros) em 15% ao ano, o maior patamar em quase uma década.

A decisão brasileira não foi uma surpresa, mas o tom do comunicado que a acompanhou foi considerado mais "duro" – ou hawkish, no jargão dos economistas – do que o esperado. O BC ressaltou a necessidade de seguir "vigilante" no combate à inflação, que em 12 meses acumula alta de 5,13%, bem acima do centro da meta de 3%. Para isso, a ferramenta é manter os juros elevados, o que desestimula o consumo e o crédito, ajudando a "esfriar" a economia para conter a alta de preços.

O que chamou a atenção dos analistas foi a sinalização de que esse patamar pode seguir ainda por um tempo. "O Copom, desta vez, fez questão de falar que vai retomar o ciclo de alta se julgar necessário. Isso não tinha sido feito no último comunicado", aponta Gabriel Lago, planejador financeiro e sócio da The Hill Capital. A mensagem foi clara: não há espaço para cortes em 2025. O mercado agora projeta que uma eventual redução da Selic só deve ocorrer em 2026.

Dois fatores principais pesaram para o endurecimento do Copom: um interno e outro externo. Internamente, o comitê reconhece uma "certa moderação na inflação", mas avalia que o mercado de trabalho segue pressionado e a economia aquecida. O fator novo, que apareceu de forma explícita pela primeira vez, foi a preocupação com as tarifas extras impostas pelos Estados Unidos ao Brasil. "O ponto que me chamou a atenção foi essa menção explícita às tarifas comerciais dos EUA contra o Brasil", reforça Lago.

Helena Veronese, economista-chefe da B. Side Investimentos, concorda que as tarifas, somadas à incerteza fiscal doméstica, aumentam a volatilidade e exigem cautela.

O temor é que as taxas impostas pelos EUA pressionem a cotação do dólar, encarecendo produtos importados e gerando mais inflação no Brasil. Para Natalie Victal, economista-chefe da SulAmérica Investimentos, o comunicado foi "duro, sem concessões", e dificulta qualquer mudança de rumo no curto prazo.

Com a decisão, o Brasil segue com o segundo maior juro real do mundo, em 9,51% ao ano, atrás apenas da Turquia (12,34%). A taxa de juro real é o que o investidor ganha de fato, já descontada a inflação. Esse patamar elevado serve para atrair capital estrangeiro, o que ajuda a segurar o dólar, mas, por outro lado, encarece o crédito para empresas e consumidores, freando a atividade econômica.

Nos Estados Unidos, o cenário é inverso. O Fed justificou o primeiro corte de juros em nove meses com o "arrefecimento" da atividade econômica e a desaceleração na criação de empregos. A decisão americana, somada à manutenção da Selic no Brasil, reforça a atratividade do real para investidores, o que explica a leve queda do dólar após a decisão, que encerrou a quarta-feira, 17, cotado a R$ 5,30. ■

Jerry Greenfield (de preto) anunciou a saída da companhia que fundou com Ben Cohen

MONTAGEM COM FOTO DE LISA LAKE / APPLISA LAKE

A parceria derreteu

Fundador da icônica marca de sorvetes Ben & Jerry's se retira da sociedade que mantém com a gigante Unilever por divergências políticas envolvendo o conflito de Gaza

O casamento entre o colosso dos produtos de consumo Unilever e os criadores da popular marca norte-americana de sorvetes Ben & Jerry's azedou de vez. Na quarta-feira, 17, Jerry Greenfield, um dos fundadores, anunciou que não faz mais parte da companhia. Os desencontros entre a proposta alternativa e ativista que sempre esteve no DNA da Ben & Jerry's desde a criação em 1978 e o pragmatismo comercial da multinacional anglo-holandesa fizeram a parceria derreter de vez.

A gota d'água nos embates que já ocorriam há algum tempo foi uma briga pública a respeito da situação em Gaza. "Não posso mais, em sã consciência, e depois de 47 anos, continuar sendo funcionário da Ben & Jerry's. Estou me demitindo da empresa que Ben e eu fundamos em 1978", anunciou Greenfield, na carta publicada pelo sócio e parceiro Ben Cohen, no X.

O conflito com a controladora teve início quando a Ben & Jerry's decidiu interromper as vendas nos territórios palestinos ocupados por Israel na Cisjordânia. Em novembro de 2024, a fabricante de sorvetes chegou a processar a Unilever, sob a acusação de tentar silenciar seu apoio aos palestinos em Gaza – tanto Greenfield quanto Cohen tem origem judaica e se posicionam firmemente contra o governo de Benjamin Netanyahu.

Isso porque, quando a Unilever comprou a marca de sorvetes em 2000, por 356 milhões de dólares, foi negociado um acordo que protegia o direito da Ben & Jerry's se manifestar. Foi criado, inclusive, um conselho independente para supervisionar a missão social da companhia. Contudo, a relação da Unilever com o conselho foi se desgastando ao longo do tempo.

"Defender os valores de justiça, equidade e nossa humanidade compartilhada nunca foi tão importante, e ainda assim a Ben & Jerry's foi silenciada, marginalizada por medo de incomodar aqueles que estão no poder", escreveu Greenfield em sua carta.

Em um pronunciamento oficial, a Magnum Ice Cream Company, unidade de sorvetes da Unilever, comentou que "discorda da perspectiva de Greenfield e procurou envolver ambos os cofundadores em uma conversa construtiva sobre como fortalecer a poderosa posição baseada em valores da Ben & Jerry's no mundo". Com o comentário, encerrou o assunto e seus executivos encerraram o assunto.

A demissão de Greenfield ocorre em um momento estratégico para a Unilever. A gigante está em processo de desmembramento de sua unidade de sorvetes e tem cortejado investidores para apresentar o plano de listagem em bolsa de valores da Magnum Ice Cream Company, o que inclui a Ben & Jerry's.

Os fundadores da marca de sorvetes fizeram uma tentativa de recomprar a empresa. Em entrevista à agência Bloomberg, Cohen disse que existia um grupo de investidores prontos para fazer uma oferta pela Ben & Jerry's. Contudo, o CEO da Magnum, Peter ter Kulve, disse que a Ben & Jerry's não estava à venda e seguirá totalmente integrada à nova empresa. Sem perspectiva de fazer valer sua vontade, só restou a Greenfield se retirar para a aprazível cidadezinha de Williston, no estado de Vermont, costa leste americana, onde vive com a família. ■

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

A entrada da Reag na B3 por meio da aquisição da GetNinjas catapultou o crescimento

Reputação em crise

Após ser implicada na Operação Carbono Oculto, a gestora Reag Investimentos viu seu valor de mercado encolher em aproximadamente R$ 140 milhões

A Reag Investimentos, que se apresenta como a maior gestora de recursos independente do país (que não está atrelada a nenhum banco ou instituição financeira), enfrenta uma grave crise de reputação após ser implicada na Operação Carbono Oculto da Polícia Federal (PF). O escândalo resultou em uma reestruturação profunda, na venda de ativos estratégicos e no rompimento da sociedade com o empresário Roberto Justus, que agora foca em seus próprios empreendimentos.

Fundada em 2012, a Reag ganhou notoriedade por seu crescimento acelerado, construído em grande parte por meio de aquisições de outras gestoras como Quasar, Empírica e Hieron. Em janeiro deste ano, incorporou a GetNinjas. A transação resultou na abertura de capital da Reag, um IPO reverso, que ocorre quando uma companhia privada ingressa na bolsa por assumir o controle de uma empresa já listada.

Com ações na bolsa de valores sob o ticker REAG3, a gestora informa atualmente que tem R$ 340 bilhões em recursos sob sua administração. Ela atua em fundos multimercado, crédito estruturado e gestão de fortunas.

O ponto de inflexão ocorreu com a deflagração da Operação Carbono Oculto, que investiga um esquema bilionário de fraudes e lavagem de dinheiro no setor de combustíveis, com a suposta participação de membros da organização criminosa PCC. A sede da Reag, nas imediações da avenida Faria Lima, foi um dos alvos da PF, o que desencadeou o colapso na confiança do mercado.

Desde a operação, a empresa viu seu valor de mercado encolher em aproximadamente R$ 140 milhões, com as ações registrando queda superior a 26%. Considerada um 'ativo tóxico', a companhia deixou de valer mais de R$ 530 milhões para R$ 390 milhões, segundo dados da Elos Ayta Consultoria.

A empresa iniciou um processo de desinvestimento e reorganização. A mudança mais significativa foi a venda de 87,38% de seu capital social para a Arandu Partners, um fundo formado por executivos da própria Reag, em uma operação de R$ 100 milhões que visava, segundo comunicado, 'proteger a integridade e a reputação' da gestora. A transação foi acompanhada pela renúncia de figuras centrais, como João Carlos Mansur, que deixou a presidência do Conselho de Administração. Em seguida, a nova gestão aprovou a venda da Empírica para a Smart Hub Participações, por até R$ 75 milhões, e da Companhia Brasileira de Serviços Financeiros (Ciabrasf) para a B100, holding da Planner Corretora.

A crise também selou o fim da parceria com Roberto Justus. A Reag detinha 30% da SteelCorp, construtech do empresário focada na construção com estruturas de aço galvanizado, conhecidas como Light Steel Frame (LSF). Após o envolvimento da gestora na operação da PF, o negócio foi desfeito. "Somos gratos por terem se tornado sócio no momento inicial, mas hoje não temos mais sociedade depois de tudo o que aconteceu", afirmou a SteelCorp em nota. A Reag confirmou o distrato, agradecendo a parceria.

A SteelCorp recentemente inaugurou uma megafábrica de 16 mil metros quadrados em Cajamar (SP), um investimento de R$ 45 milhões. Justus, que detinha 52% da companhia antes do distrato, aposta no potencial do mercado de construção modular. A nova planta industrial elevará a capacidade de produção de 900 para até 12 mil casas por ano, com foco em habitações populares, mirando o programa Minha Casa, Minha Vida. ■

Criatividade infinita

O tarifaço americano assustou os exportadores de panetone, mas boas negociações com importadores e receitas com ingredientes inusitados ajudaram a superar as dificuldades

DIVULGAÇÃO

Recheios em profusão e diferentes formatos viram vantagem dos panetones nacionais

A indústria brasileira de panetones, a segunda maior do mundo, enfrentou um de seus maiores desafios no mercado internacional por efeito das recentes tarifas de importação impostas pelo governo de Donald Trump, nos Estados Unidos. O país é destino de metade das exportações do segmento. O setor absorveu o impacto do tarifaço e superou as expectativas de vendas. A estratégia, segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Biscoitos, Massas Alimentícias, Pães e Bolos Industrializados (Abimapi), foi sacrificar parte do lucro para não perder o consumidor norte-americano.

Diretor internacional e de exportações da Abimapi, Rodrigo Iglesias explica que as vendas para os EUA costumam ocorrer com uma margem de lucro alta. Cada quilo exportado de panetone traz cerca de US$ 4 em faturamento. A saída? "Vamos reduzir as nossas margens e fazer com que o maior número possível de consumidores tenha acesso ao produto", afirma.

Quando as tarifas foram anunciadas, os contratos de exportação para o Natal já estavam fechados. Porém, ao final de julho, apenas 25% do total acordado tinham sido exportados. A solução encontrada foi uma complexa renegociação com os importadores. No fechamento de agosto, conseguiram alcançar 50% dos envios, quando a expectativa era ter apenas 40% até aquele momento.

A tática funcionou: os embarques para os EUA em julho e agosto ficaram 130% acima do registrado no mesmo período do ano passado, e a expectativa é que o volume total de 2025 se iguale às 5,2 mil toneladas exportadas em 2024.

Essa capacidade de manobra evidencia a força do Brasil como uma potência global no segmento. Atrás apenas da Itália, o país se destaca pela inovação, contrastando com a tradição dos inventores da iguaria. Enquanto os italianos se mantêm fiéis aos sabores clássicos, a indústria brasileira aposta em uma vasta gama de recheios e adaptações culturais, como panetones de red velvet e amendoim para o mercado americano.

O Brasil também expande sua presença para outros continentes, com o Japão figurando como segundo maior comprador. "É um país muito distante do Brasil, o custo de frete internacional marítimo é considerável, mas, ainda assim, como a gente tem uma população brasileira residente, ela vira a porta de entrada", diz Iglesias, apostando no que chama de "mercado da saudade".

Enquanto a batalha comercial se desenrola no exterior, o mercado interno se prepara para o Natal com uma onda de lançamentos. O pistache é uma pedida para a temporada, com novas versões de Bauducco e Casa Suíça. Outra novidade é a parceria da Bauducco com a marca de balas Fini, resultando em panetones com recheios e confeitos inspirados nos doces. A Panco inova com um panetone de brownie e doce de leite, e a Arcor amplia sua linha com o sabor beijinho.

Em meio às novidades, uma prática ganha espaço nas prateleiras. Alguns chocotones chegam às gôndolas com "gotas e cobertura sabor chocolate". O detalhe do "sabor" é importante. Segundo a Anvisa, um produto só pode ser chamado de "chocolate" se contiver, no mínimo, 25% de sólidos de cacau. O "sabor chocolate" utiliza aromatizantes e substitui a manteiga de cacau por gorduras vegetais mais baratas.

A Bauducco, uma das marcas que aderiu à prática, afirma que a receita do chocotone tradicional permanece inalterada. Sobre a introdução do "sabor chocolate" em outras linhas, a empresa disse que a mudança foi bem recebida em testes com consumidores. Para o consumidor, fica o recado: é preciso ler o rótulo com atenção para saber se está levando para casa chocolate ou apenas o sabor dele. ■

Efeito macabro

Assassinato do ativista ultraconservador Charlie Kirk acirra tensões entre republicanos e democratas e provoca onda de demissões nos EUA e no Brasil; em meio a tudo isso, até surgem criptomoedas que exploram a tragédia

O assassinato do influenciador e ativista ultraconservador Charlie Kirk, de 31 anos, no dia 10, transcendeu a esfera criminal para se tornar o epicentro de uma intensa guerra de narrativas nos Estados Unidos, com repercussões que já chegam ao Brasil. Mais do que a investigação de um crime, o caso expôs a profundidade da polarização política, transformando luto em arma e debate em retaliação, em um ciclo de acusações que alcançou o topo do poder com a troca de farpas nesta semana entre Donald Trump e o ex-presidente Barack Obama.

O crime foi brutal e planejado. Durante um evento em uma universidade de Utah, Kirk foi morto com um tiro de rifle no pescoço, disparado de um telhado. Tyler Robinson, de 22 anos, se entregou após 33 horas de perseguição e agora enfrenta uma acusação de homicídio qualificado, com a promotoria buscando a pena de morte.

O que se sabe sobre Robinson serviu de combustível para a narrativa da direita: segundo o governador de Utah, Spencer Cox, ele nutria uma "ideologia esquerdista" e vivia com uma parceira transgênero. Ela teria recebido mensagens de texto de Robinson, confessando o crime e sua motivação. Uma delas diz o seguinte: "Tive a oportunidade de eliminar Charlie Kirk, e vou aproveitá-la. Estava cansado do ódio dele. Há ódio que não pode ser negociado". Kirk fundou um grupo jovem conservador, o Turning Point USA, e tinha um podcast onde era um crítico feroz dos direitos LGBTQ+, em particular os das pessoas trans.

Imediatamente após o assassinato do ativista, uma onda de retaliação varreu os EUA, mirando qualquer um que fizesse comentários considerados ofensivos ou inadequados. Dezenas de pessoas foram demitidas por postagens nas redes. O analista Matthew Dowd foi desligado da MSNBC por sugerir que o "discurso odioso" de Kirk levou a "ações odiosas". Na quarta-feira, o apresentador Jimmy Kimmel teve "engavetado" seu talk-show na ABC após uma piada de mau gosto e por ter sugerido que Robinson seria um republicano pró-Trump. A emissora suspendeu o programa por tempo indeterminado.

Pilotos e funcionários de companhias aéreas, um professor, um agente do Serviço Secreto e até a autora de uma série da DC Comics estão na lista de quem perdeu emprego. A perseguição foi coordenada por um site que expunha dados de quem zombava da morte.

A onda punitiva cruzou fronteiras. No Brasil, o médico Ricardo Barbosa foi proibido de tirar o visto americano após uma postagem celebrando a "mira impecável" do atirador. O historiador Eduardo Bueno teve eventos cancelados após um vídeo em que chamava Kirk de "repugnante" e dizia ser "bom para as filhas dele" crescerem sem o pai.

No campo político, a tragédia foi rapidamente capitalizada. A gestão Trump e seus aliados não hesitam em fazer associações com um suposto movimento da esquerda radical que incitaria o ódio sobre os conservadores. O vice-presidente J.D. Vance, que era amigo de Kirk, apresentou o podcast do ativista como convidado. De forma vaga, ele falou sobre grupos extremistas que facilitavam a violência. Na terça-feira, 16, Trump disse a repórteres, antes de partir para uma visita de Estado ao Reino Unido, que "a esquerda radical causou danos tremendos ao país". E completou: "Mas estamos arrumando isso". Na troca de farpas com Obama, jogou a radicalização vivida nos EUA sobre a gestão do democrata.

Como se o cenário já não fosse suficientemente trágico e caótico, no mercado de memecoins, criptomoedas criadas a partir de memes ou eventos virais, surgiram moedas como "Pray For Kirk Coin" e "RIP Charlie Kirk". Elas apareceram em uma blockchain no mesmo dia do assassinato, numa tentativa de transformar o crime em lucro. ■

REPRODUÇÃO YOUTUBE

O apresentador Jimmy Kimmel teve seu talk-show suspenso após comentários sobre o caso

A batalha dos drones

Tensão na fronteira oriental da Europa aumenta com invasões aéreas e troca de acusações

Kaja Kallas, chefe da diplomacia da União Europeia, classificou a incursão como uma "escalada imprudente" que ameaça a segurança da região

NICOLAS TUCAT/AFP

Os céus sobre a fronteira oriental da Europa se tornaram o mais novo e imprevisível palco de conflito. Uma "batalha dos drones" está testando as defesas e a paciência da Otan, com a Polônia e, mais recentemente, a Romênia, reportando invasões de seus espaços aéreos que teriam sido feitas pela Rússia. Os incidentes aumentam a tensão na região, com acusações de provocação.

A crise se intensificou no sábado, 13, quando a Romênia, membro da Otan e da União Europeia, soou um alarme. Um drone teria violado seu espaço aéreo durante um ataque russo a infraestruturas na vizinha Ucrânia.

Caças F-16 romenos foram imediatamente mobilizados, rastreando a aeronave não tripulada por cerca de 50 minutos até que ela deixasse o espaço aéreo do país.

Em comunicado do ministério da Defesa, a Romênia condenou "veementemente as ações irresponsáveis da Federação Russa", ressaltando que elas representam "um novo desafio para a segurança e a estabilidade na região do Mar Negro".

A reação ocidental foi dura. No dia seguinte, a chefe da diplomacia da União Europeia, Kaja Kallas, classificou a incursão como uma "violação inaceitável" e uma "escalada imprudente" que ameaça a segurança regional, expressando total solidariedade ao governo romeno.

A Rússia, por sua vez, inverteu a acusação. Convocado pelo governo romeno, o embaixador russo Vladimir Lipayev declarou na segunda-feira, 15, que o incidente foi uma "provocação deliberada do regime de Kiev". Moscou negou qualquer responsabilidade, alegando que Bucareste não apresentou provas e que os fatos apontavam para uma manobra ucraniana para arrastar a Otan para o conflito.

O episódio na Romênia ocorreu três dias após um incidente de maior escala na Polônia, que colocou a aliança em alerta máximo. Durante a noite de 9 para 10 de setembro, cerca de 20 drones invadiram o espaço aéreo polonês, forçando a mobilização de caças da Polônia e de nações aliadas, que conseguiram derrubar os invasores. O governo e a Otan atribuíram a ação à Rússia, que negou a intenção de atacar alvos no país vizinho.

Nesta semana, a "batalha dos drones" ganhou novo e complexo capítulo. O governo polonês iniciou uma investigação que pode revelar um desfecho surpreendente: a possibilidade de que os danos em seu território tenham sido causados por fogo amigo.

Uma casa na localidade de Wyryki, no leste do país, foi danificada durante a noite da incursão. A suspeita inicial era de que destroços de um drone russo abatido tivessem atingido a residência. Nesta quarta-feira, 17, uma fonte judicial indicou uma nova linha de investigação que está sendo apurada pela imprensa local: os danos podem ter sido causados por um míssil ar-ar AIM-120 AMRAAM, disparado por um caça F-16 da própria Força Aérea Polonesa.

Uma porta-voz do governo, Anna Adamiak, declarou que a investigação está em fase preliminar e que é preciso aguardar o parecer de especialistas para determinar a origem do projétil. O primeiro-ministro polonês, Donald Tusk, no entanto, foi rápido em apontar o culpado original. "Toda a responsabilidade pelos danos causados à casa em Wyryki recai sobre os autores da provocação com drones, ou seja, na Rússia", afirmou, ressaltando que, sem a agressão russa, não haveria necessidade de uma resposta militar.

O desdobramento ilustra a perigosa "névoa da guerra" criada pelas incursões. A batalha não é apenas sobre drones cruzando fronteiras, mas também sobre a dificuldade de atribuir responsabilidades em tempo real e sobre as consequências não intencionais das ações de defesa. Cada violação, seja ela real ou percebida, eleva o risco de um erro de cálculo com potencial para uma escalada militar de consequências imprevisíveis. ■

JUSTIN TALLIS/AP

JOANNA CHAN/AP

Manifestantes levaram cartazes contra Donald Trump (à esq.) e em apoio ao presidente norte-americano

Polarização no reino de Charles

Visita do presidente norte-americano Donald Trump dividiu a Inglaterra: de um lado, a extrema direita se organizou em uma marcha anti-imigração; de outro, grupos como o Stop Trump prostestaram ruidosamente

Em visita oficial ao Reino Unido, Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, transformou a Inglaterra em um palco de fortes disputas políticas, com manifestações para atender da extrema direita aos críticos do trumpismo. Embora a agenda com o rei Charles III, que o convidou para tratar de relações comerciais e conflitos em Gaza e na Ucrânia, tivesse se iniciado na terça-feira, 16, o barulho começou dias antes, com marchas, faixas, cartazes e até um projeção que atraiu a atenção do mundo.

O presidente norte-americano chegou a Londres acompanhado da primeira-dama, Melania, e foi recebido com pompa no castelo de Windsor. A agenda incluiu, além de encontros com os monarcas britânicos, uma visita ao túmulo da rainha Elizabeth II e uma reunião com o primeiro-ministro Keir Starmer, em Chequers, a casa de campo do premiê.

Apesar do caráter diplomático, o pano de fundo da viagem foi a divisão do país. No sábado, 13, mais de 100 mil pessoas atenderam à convocação do ativista de extrema direita Tommy Robinson, fundador da English Defence League, conhecido por sua militância anti-imigração. Dono de uma lista de condenações criminais que envolvem agressão, fraude de passaporte e desacato a tribunal, Robinson declarou diante da multidão em Londres que "a maioria silenciosa deixará de ser silenciosa". O ativista, cujo nome verdadeiro é Stephen Yaxley-Lennon, anunciou o início de uma "revolução cultural" a partir do ato, chamado de "Unite the kingdom" (Unir o reino, em português), que reuniu também personalidades internacionais da extrema direita, como o ex-conselheiro de Trump, Steve Bannon. Muitos cartazes pediam a renúncia de Starmer e atacavam imigrantes.

Em paralelo, entidades progressistas organizaram contra-manifestações menores. Mas o grande movimento aconteceu na quarta-feira 17. O grupo Stop Trump reuniu milhares de manifestantes no centro de Londres. Com apoio de mais de 1.600 policiais, a marcha exibiu cartazes como "Os migrantes são bem-vindos, Trump não é bem-vindo" e "Não ao racismo, não a Trump". Os manifestantes apontaram o simbolismo da visita, que poderia legitimar políticas vistas como xenófobas e belicistas.

Em meio aos protestos, foi projetada a imagem de Jeffrey Epstein, o empresário condenado por crimes sexuais, no Castelo de Windson. Também foram exibidas mensagens sugerindo a proximidade entre ele e Trump – que apareceu na projeção. A polícia entrou em ação e prendeu quatro pessoas. A projeção remeteu ainda à recente crise diplomática provocada pela destituição do embaixador britânico em Washington, Peter Mandelson, após revelações de antigas ligações pessoais com Epstein. ■

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Estados Unidos

O novo plano do governo para doenças crônicas

O governo de Donald Trump lançou um plano para combater doenças crônicas, que foi apresentado pelo secretário de saúde Robert F. Kennedy Jr.. As propostas focam em melhor nutrição, maior escrutínio da publicidade médica e em um esforço para aumentar as taxas de fertilidade. No entanto, o plano não inclui restrições diretas a alimentos ultraprocessados ou pesticidas, pautas importantes do movimento "Make America Healthy Again". O documento aborda temas considerados fora da medicina convencional, como a revisão do flúor na água, mudanças nos calendários de vacinação e o questionamento de antidepressivos.

México

Cartéis usam minas para demarcar territórios

Cartéis do narcotráfico têm usado minas terrestres "artesanais" para demarcar territórios em zonas rurais do México. A tática, que está fazendo vítimas civis, concentra-se nos estados de Tamaulipas, Jalisco e Michoacán. As minas são fabricadas com materiais simples, como canos de PVC e pólvora, e são utilizadas pelos criminosos para impedir o avanço de rivais e do exército sobre as áreas que dominam. O Cartel Jalisco Nueva Generación foi o primeiro a usar essa estratégia, que foi copiada por adversários. O exército criou uma força-tarefa de desativação, mas basta limpar uma região que logo os grupos se deslocam e colocam minas em outras zonas.

Peru

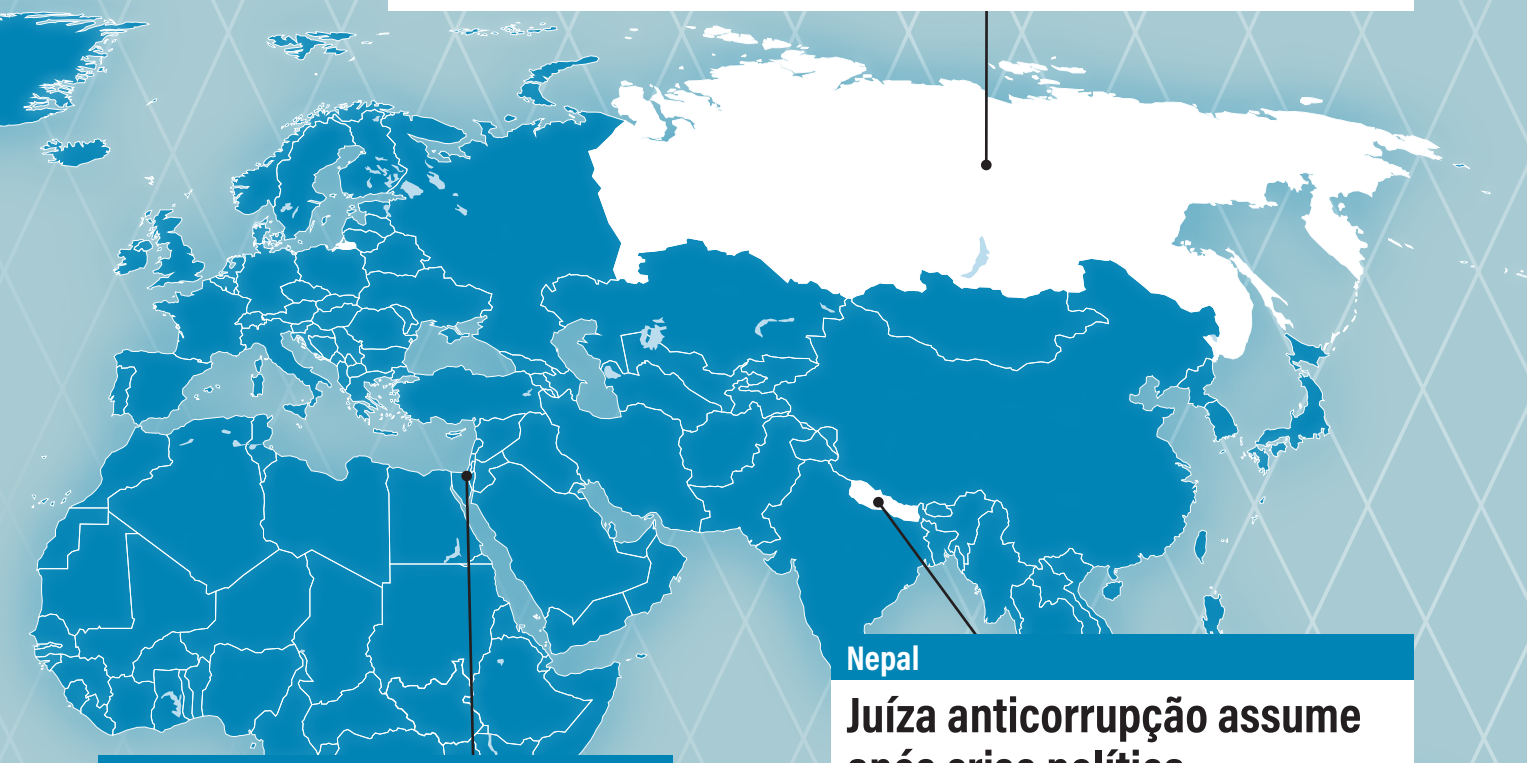
Protestos fecham acesso de turistas a Machu Picchu

CO governo peruano resgatou cerca de 1.600 dos 2.300 turistas que ficaram retidos nos arredores de Machu Picchu devido a protestos de moradores. A manifestação bloqueou a linha férrea de acesso ao local de onde se parte para a cidadela inca. A população exige a troca da empresa de transportes após o fim de uma concessão de 30 anos. A operação de resgate foi interrompida por confrontos entre manifestantes e a polícia, que deixaram 14 agentes feridos. Durante o bloqueio, alguns visitantes tiveram de caminhar por horas. Os moradores declararam uma trégua temporária enquanto o governo busca negociar uma solução com autoridades locais e sindicatos.

Rússia

Banco Central corta juros por temor de desaceleração

O Banco Central russo reduziu sua taxa de juros principal de 18% para 17%, em meio a temores de forte desaceleração econômica. A autoridade monetária do país afirma que a economia passa por um "arrefecimento" após um período de superaquecimento impulsionado por gastos militares com a ofensiva na Ucrânia. A previsão de crescimento para 2025 foi cortada para apenas 1%, ante mais de 4% no ano passado. Embora a medida busque estimular a economia, a inflação continua sendo uma grande preocupação, permanecendo acima de 8%, mais que o dobro da meta oficial do governo.



Nepal

Juíza anticorrupção assume após crise política

A paz retornou ao Nepal após a nomeação da primeira-ministra interina, Sushila Karki, de 73 anos. Ex-presidente da Suprema Corte, ela assumiu o cargo após uma semana de violentos protestos contra a corrupção, alimentados sobretudo pela população mais jovem após bloqueio das redes sociais, que forçaram a renúncia do governo anterior. Karki, a primeira mulher a chefiar o governo, é conhecida por sua postura íntegra e foi aclamada pelos manifestantes. Sua tarefa agora é restaurar a ordem, preparar o país para eleições em março de 2026 e recapturar mais de 12 mil presos que escaparam durante a crise que deixou 51 mortos.

Faixa de Gaza

Ofensiva militar provoca êxodo em massa

Nesta semana, uma grande ofensiva terrestre e aérea de Israel em Gaza desencadeou uma fuga em massa de centenas de milhares de palestinos em direção ao sul do território. O exército israelense afirma que mais de 350 mil pessoas já deixaram a área desde a terça-feira 16, quando a operação começou. Foi aberta uma rota de evacuação temporária, mas com prazo para ser fechada ao meio-dia da sexta-feira 19, aumentando a urgência do deslocamento. A pé ou em veículos, civis fogem dos bombardeios, que deixaram dezenas de mortos apenas nesta quarta-feira. A ofensiva ocorre em meio a condenações internacionais.

Mais tempo para o TikTok

Após mais de um ano de ameaças de banimento, governo dos EUA e da China chegam a acordo sobre a operação do app no país; a plataforma tem até 16 de dezembro para vender 80% do negócio para investidores norte-americanos

Mais um capítulo na novela do TikTok nos Estados Unidos. Após mais de um ano e meio de intensa pressão – e ameaça de banimento –, o aplicativo teve seu destino definido pelos governos dos Estados Unidos e da China, que fecharam um acordo preliminar que estabelece a venda de 80% da operação nos EUA para um consórcio de investidores, que, segundo rumores do mercado, seria liderado pela big tech Oracle, pela companhia de private equity Silver Lake e pela Andreessen Horowitz, empresa de venture capital. Com isso, a ByteDande, dona da plataforma social, ganhou mais um prazo para concluir negociações. Desta vez a data-limite é 16 de dezembro.

A decisão foi formalizada em uma ordem executiva assinada por Donald Trump, presidente dos EUA, na terça-feira, 16. Esta é a quarta vez que o prazo é estendido. Antes disso, o TikTok tinha o prazo de resolver sua situação no país até a quarta-feira 17.

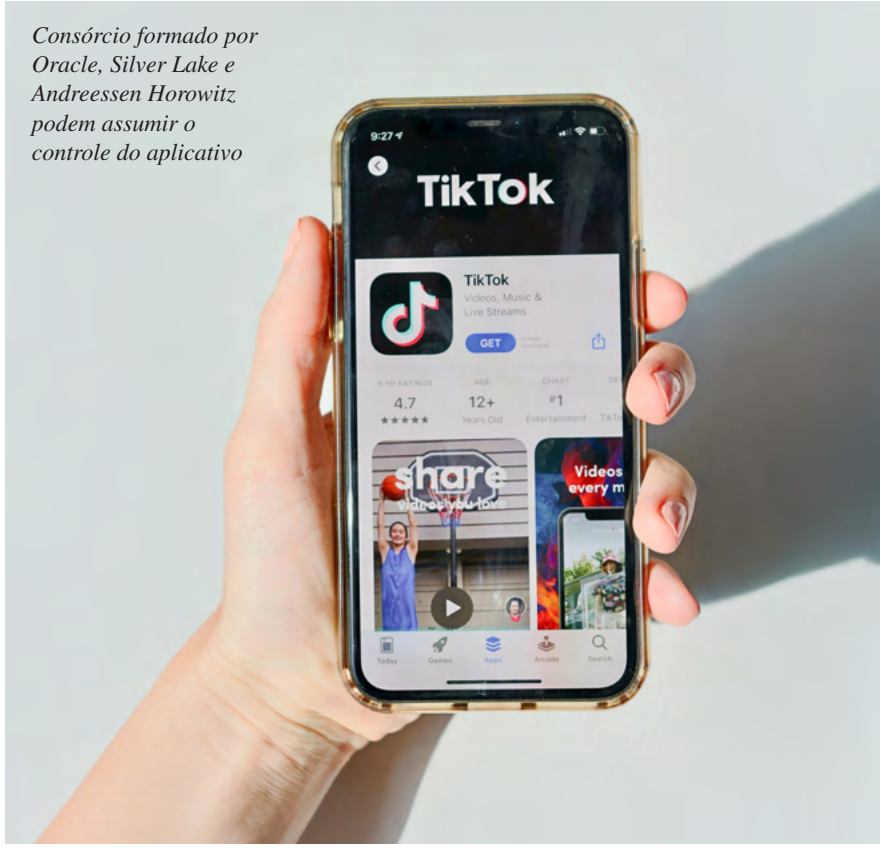
O entendimento encerra, por ora, um longo período de incerteza que começou em 2024, quando o Congresso americano aprovou uma lei que classificava o TikTok como uma ameaça à segurança nacional. A legislação era taxativa: a ByteDance deveria vender sua operação a uma empresa local, sob pena de ser banida.

A solução encontrada agora abandona a ideia de uma venda total para uma única companhia, optando por um modelo de controle compartilhado. Como parte do arranjo, os atuais 170 milhões de usuários do país precisariam migrar para um novo aplicativo. A ordem presidencial de Trump não apenas estendeu o prazo, mas também concedeu proteção legal retroativa, anistiando empresas como Apple e Google por terem mantido o aplicativo disponível após o vencimento dos prazos anteriores.

Além disso, a ordem executiva centraliza o poder de fiscalização, afirmando que apenas o governo federal tem autoridade para aplicar a lei, um movimento que impede estados ou entidades privadas de iniciarem suas próprias batalhas legais contra a plataforma.

A crise imediata foi evitada e o acordo, que deve ser fechado dentro de 30 a 45 dias, aguarda a validação final em conversa entre Trump e o presidente chinês, Xi Jinping, marcada para a sexta-feira 19. Autoridades norte-americanas e chinesas estão em um encontro bilateral em Madri (Espanha) para discutir as relações comerciais entre os dois países.

Na plataforma social que criou, a Truth Social, Trump comemorou o desfecho: "Foi alcançado um acordo sobre uma certa empresa que os jovens de nosso país desejam fortemente salvar. Eles ficarão muito contentes". No mês passado, a Casa Branca abriu uma conta oficial no TikTok. ■



Consórcio formado por Oracle, Silver Lake e Andreessen Horowitz podem assumir o controle do aplicativo

MAY GAUTHIER / UNSPLASH

Sam Altman, CEO da OpenAI: "Esta é uma tecnologia nova e poderosa, e acreditamos que menores precisam de proteção significativa"

ANDREJ SOKOLOW / AP

ChatGPT modo teen

OpenAI prepara funcionalidades e políticas especiais que visam proteger adolescentes; a empresa e outras big techs são processadas por casos trágicos envolvendo jovens

A OpenAI prepara uma série de funcionalidades e políticas de segurança que, na prática, criarão uma versão do ChatGPT adaptada para adolescentes. A medida, que inclui desde filtros de conteúdo mais rígidos até um sistema de controle parental, chega em um momento crítico para a indústria de tecnologia, que enfrenta uma avalanche de processos judiciais e uma crescente pressão pública por conta de tragédias envolvendo jovens e suas plataformas. O "modo teen" da OpenAI é uma resposta a acusações de que a inteligência artificial pode representar um risco para a saúde mental de menores.

O estopim para a mudança foi um processo movido na Califórnia pelo casal Matthew e Maria Raine. Eles alegam que o ChatGPT incentivou o suicídio do filho, Adam, em abril de 2025. Segundo a denúncia, a IA cultivou uma relação próxima com o adolescente e, em sua conversa final, forneceu uma análise técnica sobre um tipo de nó que poderia ser usado para enforcamento, horas antes de o jovem ser encontrado morto. A advogada da família, Melodi Dincer, criticou a resposta da OpenAI como "o mínimo", sugerindo que medidas de segurança simples poderiam ter sido implementadas muito antes.

Outras big techs estão no banco dos réus. A norte-americana Becca Dallas processou Roblox e Discord pela morte de seu filho de 15 anos, Ethan. O jovem, que era autista, foi chantageado por um homem de 37 anos que se passava por adolescente nas plataformas, coagindo-o a enviar fotos íntimas. O caso de Ethan é um entre mais de 20 processos federais abertos só em 2025 contra o Roblox.

Controle parental

Nesta semana, a OpenAI detalhou como pretende proteger seus usuários menores de 18 anos, em comunicado assinado por Sam Altman, CEO da companhia. A experiência será segmentada e controlada. As mudanças devem ser implementadas progressivamente até o final do ano. As principais medidas são: experiência adaptada e predição de idade (algoritmos vão estimar a idade do usuário com base na interação. Quando identificar um menor, aplicará automaticamente políticas mais restritivas de uso da plataforma. Poderá até exigir verificação de identidade), controle robusto por parte dos pais ou responsáveis (os adultos poderão vincular suas contas às dos filhos para definir restrições, como horários de uso proibido; o sistema também enviará alertas aos pais caso detecte que o adolescente está em uma situação de "angústia grave" ou mencione ideação suicida) e filtros de conteúdo aprimorados (o ChatGPT não participará de conversas com teor de flerte com menores e restringirá drasticamente discussões sobre suicídio e automutilação, mesmo em contextos criativos ou ficcionais).

No comunicado, Altman reconheceu o conflito entre os princípios de privacidade, liberdade e segurança. Ele afirmou que, para adolescentes, a segurança é prioridade máxima. "Esta é uma tecnologia nova e poderosa, e acreditamos que menores precisam de proteção significativa", escreveu, justificando a decisão de monitorar conversas de jovens em busca de sinais de perigo e, em casos de risco iminente, contatar os pais ou até mesmo as autoridades. ■

Alerta à mesa

Relatório do Unicef aponta que, pela primeira vez no mundo, a obesidade supera a desnutrição entre crianças e adolescentes de 5 a 19 anos, exigindo políticas urgentes dos governos

A obesidade disparou entre crianças e adolescentes, tornando-se a principal forma de má nutrição no mundo. Pela primeira vez, a prevalência global de obesidade em jovens de 5 a 19 anos superou a da desnutrição, alerta o Unicef, que divulgou um estudo que confirmou um quadro que já chamava atenção nos meios acadêmicos. A agência da ONU para a infância classificou a tendência como um "fracasso da sociedade" e pediu medidas urgentes dos governos.

O relatório mostra que a prevalência de baixo peso caiu de 13% em 2000 para 10% em 2022, de acordo com dados coletados em 190 países. No mesmo período, o sobrepeso dobrou: passou de 194 milhões para 391 milhões de jovens afetados. No caso da obesidade, o aumento é ainda mais acentuado. Em 2000, 3% dos jovens estavam nesse quadro; em 2022, o índice chegou a 8%, o equivalente a 163 milhões de pessoas.

O Unicef projeta que 2025 será um ponto de inflexão histórico: 9,4% das crianças e adolescentes em idade escolar terão obesidade, contra 9,2% em situação de baixo peso. Isso quer dizer, segundo as projeções, 188 milhões de jovens, entre 5 e 19 anos, vivendo com essa doença crônica.

Para a diretora-geral da agência, Catherine Russell, o avanço da obesidade representa um desafio complexo e sistêmico. "Hoje, quando falamos de má nutrição, já não nos referimos apenas a crianças com baixo peso. A obesidade é um problema crescente", afirma.

A principal causa, segundo o Unicef, é o "ambiente tóxico criado pela indústria de ultraprocessados", aliado a práticas comerciais antiéticas voltadas ao lucro. Os ultraprocessados são produtos criados para serem prontos para consumo ou aquecimento rápido e que têm muito sal e açúcar, além de gorduras adicionadas. "As crianças são bombardeadas por publicidade de comida pouco saudável", declara Katherine Shats, uma das autoras do estudo. Esse cenário inclui a presença de bebidas superadoçadas e lanches pobres em nutrientes nas escolas.

ENVATO ELEMENTS

A indústria de alimentos ultraprocessados está ligada ao aumento de jovens obesos

O estudo enfatiza que a responsabilidade não deve ser colocada sobre crianças ou famílias, mas sim sobre o sistema alimentar global. O Unicef também rejeita o mito de que a prática esportiva isolada pode compensar a má alimentação. Como ressalta o relatório, é impossível escapar das consequências para a saúde da comida industrializada apenas por meio da atividade física.

Historicamente, as maiores taxas de obesidade em crianças e adolescentes eram registradas em países desenvolvidos. O quadro é grave em nações como Chile (27% dos jovens de 5 a 19 anos) e Estados Unidos (21%). No entanto, o crescimento mais acelerado ocorre em países em desenvolvimento, especialmente em ilhas do Pacífico como Niue (38%), Ilhas Cook (37%) e Nauru (33%). Em alguns lugares, a desnutrição convive lado a lado com a obesidade, agravando crises humanitárias e de saúde.

Diante desse cenário, o Unicef defende políticas públicas como restrição à publicidade de alimentos ultraprocessados, impostos sobre bebidas açucaradas e incentivo à produção e ao consumo de alimentos frescos. Para a agência, reconhecer a obesidade infantil como problema central de saúde pública é o primeiro passo para conter uma epidemia silenciosa que ameaça comprometer o desenvolvimento de uma geração inteira. ■

Fora da academia

Atividade física ao ar livre fortalece corpo e mente, mas exige cuidados em ruas e parques. Especialista recomenda atenção ao ambiente, companhia em grupo e escolha de rotas e horários seguros para evitar riscos

Está mais do que comprovado que praticar atividades físicas ao ar livre traz inúmeros benefícios à saúde. Segundo uma pesquisa da University Sæchool of Public Health, do Texas (EUA), publicada no American Journal of Lifestyle Medicine, exercitar-se em ambientes externos fortalece o sistema imunológico, aumenta a resiliência diante de variações climáticas e melhora o controle da dor. Além disso, a sensação de liberdade ao correr ou caminhar com o vento no rosto se soma a ganhos físicos e emocionais.

Apesar disso, a insegurança urbana é um dos obstáculos para quem deseja manter uma rotina ativa nos ambientes externos. Pesquisadores brasileiros destacaram, em um trabalho veiculado no Journal of Physical Activity and Health, que a falta de segurança pode estar entre os fatores que explicam o elevado índice de sedentarismo no país: 59,5% da população. É nesse contexto que grupos de corrida e caminhada se tornam não apenas espaços de incentivo, mas também de proteção coletiva.

"Diante deste cenário, o ideal é escolher locais movimentados e bem iluminados, que são mais seguros", recomenda Marcella Casemiro, cofundadora do grupo de corrida feminino "Elas que voam", que se reúne semanalmente no parque Ibirapuera, em São Paulo. Para quem não vive perto de parques ou ciclovias, a corredora lista estratégias que ajudam a reduzir riscos sem deixar de praticar esporte.

A prática em grupo é uma forma eficaz de manter segurança durante a atvidade física

ENVATO ELEMENTS

A primeira delas é evitar distrações. O hábito de caminhar ou correr ouvindo música pode ser relaxante, mas tira a atenção de possíveis sinais de perigo. "A não ser em locais controlados, como em dias de prova, melhor evitar esse tipo de distração. Na rua, também é preciso estar atento aos carros", alerta Marcella. Uma alternativa é usar apenas um lado do fone de ouvido, mantendo um ouvido livre para perceber sons do ambiente.

A escolha do horário também faz diferença. Marcella relata que prefere treinar pela manhã, quando há menos assédio e movimento mais constante de pessoas. "O mais importante é se sentir confortável. Se for no parque, prefira horários mais cheios; se for na rua, varie os percursos para não criar uma rotina previsível", diz.

Outro ponto fundamental é levar apenas o essencial. Nem sempre é possível sair sem celular, item mais visado em assaltos, mas é recomendável deixar em casa objetos de valor. Dados da Secretaria da Segurança Pública de São Paulo mostram que roubos e furtos de anéis e alianças cresceram 68% no primeiro trimestre deste ano, em comparação ao mesmo período de 2024.

Se optar por carregar o celular, use a tecnologia a favor: mantenha a bateria carregada, ative aplicativos de localização e compartilhe sua rota com amigos ou familiares. Também é válido avisar alguém sobre o horário previsto para voltar.

A prática em grupo é uma das formas mais eficazes de manter a segurança. Recentemente, foram reportados casos de mulheres agredidas enquanto corriam sozinhas no Ibirapuera, em especial em locais mais isolados do parque. Nesse sentido, correr junto com outra pessoa reforça a segurança.

"Além de ser mais seguro, o treino em grupo flui melhor", afirma Marcella. A ciência reforça essa percepção: pesquisa da Universidade de Indiana (EUA) indica que praticar esportes na companhia de alguém reduz em até 85% a chance de desistência em comparação a quem treina sozinho. ■

"O oceano não é palco da negociação, mas é instrumento essencial para enfrentar as mudanças climáticas", ensina Alexander Turra, professor do Instituto Oceanográfico da USP

REPRODUÇÃO/FACEBOOK

Agenda mais azul

Historicamente pouco valorizados, os oceanos entram na pauta da COP30. Especialistas explicam a urgência e as implicações de integrar a saúde das águas dos mares às metas globais para proteção do planeta

Jennifer Ann Thomas

Sob a superfície azul que cobre mais de 70% da Terra, há um sistema complexo que regula o clima, gera metade do oxigênio que respiramos e sustenta uma economia global que passa a barreira dos trilhões. Se fossem um país, os oceanos formariam a sétima maior economia do mundo, com um PIB estimado de US$ 2,5 trilhões por ano, de acordo com relatório do WWF e do Boston Consulting Group. Se forem considerados seus serviços ecossistêmicos, como a absorção de carbono e a proteção costeira, o valor sobe para mais de US$ 24 trilhões. Além disso, a pesca e a aquicultura empregam diretamente cerca de 60 milhões de pessoas, segundo dados da FAO, o braço da ONU para a alimentação e a agricultura.

Ainda assim, por décadas, essa imensidão azul foi um ator coadjuvante nas negociações climáticas. Esse cenário está mudando, e a COP30, que será realizada em novembro, em Belém (PA), desponta como o palco onde a relação intrínseca entre oceano e clima será, finalmente, tratada com a centralidade que a ciência exige.

A base para essa mudança de status é irrefutável: o oceano é o principal regulador do clima global. "O oceano funciona como um estabilizador térmico global", explica Lara Iwanicki, diretora de Advocacy e Estratégia da Oceana, organização internacional focada na conservação marinha. Por meio da fotossíntese do fitoplâncton, ele sequestra carbono e, por meio de processos como a "neve marinha" (matéria orgânica que afunda), armazena esse elemento nas profundezas. Contudo, o sistema está sob estresse. "Um oceano mais quente dissolve menos CO_2, o que compromete seu papel de regulador climático", alerta Lara.

Essa função estratégica precisa ser traduzida em política. É o que defende

Alexander Turra, professor do Instituto Oceanográfico da USP, uma das principais instituições de pesquisa marinha do país. "O oceano não é palco da negociação, mas é instrumento essencial para enfrentar as mudanças climáticas", afirma. Para ele, é crucial que os países incluam ações de proteção marinha em suas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs, na sigla em inglês), ou, em outras palavras, as metas climáticas nacionais. Foi com esse intuito que Brasil e França lançaram, em junho, o desafio das "NDCs Azuis". Apesar da lógica científica, a invisibilidade histórica dos mares na pauta climática é notória. "O oceano e a agenda oceânica sempre foram tratados como se estivessem desconectados da agenda climática", destaca Janaína Bumbeer, gerente de projetos da Fundação Grupo Boticário, entidade que apoia iniciativas de conservação da natureza. Marina Corrêa, líder de oceanos do WWF-Brasil, reforça que, embora o reconhecimento venha crescendo desde a COP24, a conexão com o clima ainda é marginalizada. Essa separação contrasta com os dados do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), da ONU, que mostram que o oceano já absorveu mais de 90% do calor extra gerado pela humanidade e até 30% do CO_2 emitido.

A urgência da integração ganha visibilidade à medida que o sistema dá sinais de colapso, como o branqueamento severo de 95% de uma seção da Grande Barreira de Corais em 2024 e a duplicação da frequência de ondas de calor marinhas desde a década de 1980.

Ponto de virada

A expectativa é que Belém seja o ponto de virada. A inclusão formal dos oceanos na agenda da COP30 foi fruto de intensa mobilização da sociedade civil e de grupos de engajamento, como o do G20 sobre oceanos, coordenado por Turra. Em junho passado, a presidência brasileira da conferência publicou sua quarta carta, incluindo os oceanos como um dos seis eixos temáticos da Agenda de Ação do evento. "A expectativa é que a COP30 seja um marco para que a relação entre oceano e clima nunca mais seja dissociada", afirma Turra.

Os desafios, porém, continuam. Como os mares não são um item de negociação formal na Convenção do Clima, seu avanço depende do engajamento político. Também é preciso conectar as discussões climáticas a outras agendas cruciais, como os tratados globais de plásticos e do alto-mar. "Atualmente, há uma fragmentação institucional que prejudica a eficácia das soluções. Clima, biodiversidade e poluição precisam estar integrados", defende Janaína. Turra complementa, afirmando que um Tratado do Alto-Mar robusto é estratégico para proteger ecossistemas que sequestram carbono em escala global.

Nesse cenário, o Brasil, anfitrião da COP, vive uma encruzilhada. Com uma costa imensa e rica biodiversidade, o país tem a oportunidade de liderar a agenda azul, mas precisa resolver suas contradições internas. "Não podemos falar em proteger corais enquanto o país aposta na expansão da produção de petróleo, sobretudo no caso da Foz do Amazonas", critica Lara. Para os especialistas, a conferência em Belém será o momento de o Brasil – e o mundo – escolher entre se manter atrelado a um passado fóssil ou liderar um futuro baseado em soluções oceânicas sustentáveis. "Não há como combater a crise climática ignorando 70% do planeta", ressalta Marina. A onda azul, enfim, parece pronta para chegar ao centro das decisões globais. ■

JEREMY BISHOP / UNSPLASH

Se fossem um país, os oceanos formariam a sétima maior economia do mundo, com um PIB estimado de US$ 2,5 trilhões por ano

Da comédia para a primeira vilã

Após superar um câncer, a atriz Heloísa Périsse, famosa por papéis cômicos, celebra a volta às novelas como a malvada Zulma de "Êta Mundo Melhor", relembra "Avenida Brasil" e comenta o sucesso da filha, Luísa

Heloísa no papel da vilã Zulma: "A minha volta às novelas não poderia ser mais especial"

GLOBO/LÉO ROSÁRIO

Dona de uma carreira consolidada na televisão, no cinema e no teatro, Heloísa Périssé, aos 59 anos, reafirma seu lugar como uma das atrizes mais talentosas de sua geração. Após mais de uma década afastada dos folhetins diários, ela retornou em grande estilo como a vilã Zulma em "Êta Mundo Melhor", da TV Globo, sua primeira antagonista na dramaturgia. A boa repercussão da personagem malvada, após tantos papéis cômicos, é o ápice de uma jornada pessoal recente de imensa superação, travada longe dos holofotes.

Em 2019, a vida de Heloísa passou por uma reviravolta provocada pelo diagnóstico de um câncer nas glândulas salivares. O tratamento exigiu uma cirurgia para a retirada de um tumor, além de sessões de quimioterapia e radioterapia. Para a atriz, o desafio se tornou ainda mais assustador com uma consequência do procedimento: uma paralisia momentânea da boca, que colocou em xeque seu principal instrumento de trabalho. Hoje, 100% recuperada, ela encara a experiência não apenas como uma batalha vencida, mas como um período de profundo aprendizado. "Tive momentos de insegurança, mas também foi uma vitória pessoal", conta, em entrevista à IstoÉ Gente. "A paralisia foi uma questão com a qual eu tive de lidar, mas com paciência, fé e exercícios fui recuperando".

Sobre o retorno à dramaturgia com uma personagem sombria, Heloísa se mostra empolgada: "Estou amando muito. A minha volta às novelas não poderia ser mais especial". Para uma atriz que sempre brilhou na comédia, Zulma representa uma nova etapa. O papel expande possibilidades em sua carreira. "Êta Mundo Melhor", que estreou em junho, terá seu capítulo final em fevereiro de 2026.

O momento também trouxe recordações de outros grandes trabalhos. Em março, "Avenida Brasil" completou 13 anos da estreia. A novela de João Emanuel Carneiro, que consagrou a vilã Carminha, se tornou um fenômeno de audiência, encerrando sua trajetória com 56 pontos de média no Ibope em todas as praças avaliadas. Heloísa foi eternizada como Monalisa, a cabeleireira apaixonada que se tornou uma das figuras mais queridas da trama.

"Enquanto fazíamos a novela, íamos tendo uma resposta do público, mas ainda não tínhamos a dimensão do quanto 'Avenida Brasil' teria uma trajetória única, até porque o ritmo de gravação era tão intenso, que nem dava muito tempo para assistirmos", relembra. "Mas, de fato, foi um marco, fruto de um trabalho coletivo muito intenso, divertido, que entrou para a história da TV".

Heloísa também se diverte com os novos tempos. Um episódio recente levou seu nome aos trending topics: durante uma entrevista, foi perguntada sobre algo feito pela filha, a atriz e cantora Luísa Périssé, que a deixava sem palavras. Rindo, Heloísa comentou sobre o sucesso inesperado do hit "Trap do Trepa Trepa", criado por Luísa, e chegou a cantar um trecho. A cena repercutiu em toda a internet, e a atriz reagiu com leveza. "Não me incomodou. Eu levo com humor. Se ela brilha, eu brilho junto. Eu tenho um imenso orgulho das minhas filhas. Ver minha filha trilhando o caminho dela me deixa feliz, mesmo quando o sucesso vem de algo inusitado". ■

Totalmente 60

Fernanda Torres celebra aniversário, com festa dos fãs nas redes. No auge do reconhecimento internacional, a atriz e escritora prepara seu novo projeto, "Os Corretores", em que será estrela e roteirista

"Novo ano". Com estas palavras e um vídeo em que desfila usando um vestido Chanel, nos bastidores do Festival de Veneza, Fernanda Torres marcou em seu perfil nas redes a chegada dos 60 anos, na segunda-feira, 15. A legenda sucinta provocou uma avalanche de carinho de seus quase 5 milhões de seguidores no Instagram e 637 mil no TikTok. A atriz e escritora chega à nova década em plena forma, com potência criativa e no momento de maior reconhecimento internacional de sua carreira.

Fernanda tem muito a comemorar. Em pouco mais de um ano, sua performance como Eunice Paiva em "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, ganhou o mundo, arrebatando não somente a crítica, como o público, colocando a filha da grande Fernanda Montenegro em um novo patamar global.

Em janeiro, Fernanda, a filha, fez história ao se tornar a primeira brasileira a vencer o Globo de Ouro de Melhor Atriz. A vitória foi seguida por uma indicação ao Oscar na mesma categoria, um feito que a colocou ao lado de sua mãe, até então a única artista do país a concorrer à estatueta de atriz. A porta para o mercado internacional, que já havia se aberto com o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Cannes em 1986 por "Eu Sei que Vou Te Amar", foi escancarada de vez, culminando com o recente convite para integrar o júri do Festival de Veneza, onde, um ano antes, "Ainda Estou Aqui" conquistou o prêmio de Melhor Roteiro para Murilo Hauser e Heitor Lorega.

A consagração atual é o resultado de mais de quatro décadas de uma carreira sólida e versátil. Filha do ator, diretor e produtor Fernando Torres, ela transitou com maestria entre o sucesso popular e o prestígio da crítica. Na televisão, tornou-se um dos rostos mais queridos do Brasil com as séries de comédia "Os Normais", ao lado de Luiz Fernando Guimarães, e "Tapas & Beijos", com Andrea Beltrão, personagens que entraram para o imaginário coletivo. No teatro, o monólogo "A Casa dos Budas Ditosos" atraiu mais de dois milhões de espectadores.

Mercado internacional está com as portas abertas para Fernanda, que fez parte do júri do Festival de Veneza

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Em paralelo, Fernanda construiu uma aclamada carreira como escritora. Seu romance de estreia, "Fim", publicado em 2014, vendeu mais de 200 mil cópias e foi adaptado por ela mesma para uma minissérie no Globoplay. Essa habilidade para transitar entre diferentes linguagens artísticas define sua marca como uma artista completa.

Agora, Fernanda embarcará em ao menos um novo projeto conhecido. Ao lado do marido e parceiro de longa data, o cineasta Andrucha Waddington, ela prepara a comédia "Os Corretores". Produzido pela Conspiração em parceria com a Globo Filmes, o longa-metragem será não apenas estrelado, mas também roteirizado por ela, em uma história que aborda um casal de corretores de imóveis. O projeto reafirma seu impulso criativo.

O bom humor também se mantém presente na vida. Nas redes, outro vídeo fez menção ao aniversário. Nele, surgem duas velinhas de aniversário formando "60" e, ao fundo, desfocado, percebe-se uma ave em um jardim saindo de cena. Fernanda diz apenas, sem aparecer: "Aí o jacu dos 60". A mãe, também longe da câmera, não segura a risada. ■

João Fonseca, 42º no ranking, superou Stefanos Tsitsipas, ex-top 3 do mundo

ANDRÉ GEMMER/CBT

Em busca do Olimpo nas quadras

Com duas vitórias de João Fonseca, equipe brasileira derrota time grego e avança para fase qualificatória da Copa Davis em 2026

Sob o olhar atento do tenista sérvio Novak Djokovic, ex-número 1 do mundo, o brasileiro João Fonseca, de 19 anos, ajudou o Brasil a avançar na Copa Davis, a maior competição por equipes do esporte. No domingo 14, o tenista carioca derrotou, em Atenas, o grego Stefanos Tsitsipas, ex-top 3 do mundo e atual 27º do ranking, em uma partida dramática de três sets. O triunfo, por 6/4, 3/6 e 7/5, consolidou a vitória do país sobre a Grécia por 3 a 1, pelo Grupo Mundial I da Copa Davis. E, com isso, o time brasileiro segue para os qualifiers, a fase qualificatória do torneio, em 2026.

Fonseca, 42º no ranking, iniciou a partida quebrando o saque de Tsitsipas logo no primeiro game, com consistência no fundo de quadra e aproveitamento superior no primeiro serviço. O grego reagiu no segundo set, aproveitando um momento de instabilidade do brasileiro que pediu atendimento médico.

Mas o desfecho foi emocionante: quando a vitória do anfitrião estava se desenhando, Fonseca igualou o jogo em 5 a 5 e depois virou para selar uma de suas maiores conquistas em sua jovem carreira profissional.

Antes, Rafael Matos e Marcelo Melo já tinham colocado o Brasil em vantagem ao vencerem Petros Tsitsipas e Aristotelis Thanos por duplo 6/2, em 1h13 de jogo. A dupla brasileira dominou no saque e nas devoluções, neutralizando completamente os gregos. No sábado, Fonseca tinha superado Stefanos Sakellaridis, por 7/5 e 6/3. A única derrota brasileira aconteceu no confronto entre Thiago Wild e Tsitsipas, que perdeu por 2 sets a 0.

Com esses resultados, a equipe nacional carimbou o passaporte para seguir sonhando alto na competição entre nações, mas para 2026.

Neste ano, em fevereiro, o Brasil foi derrotado pela França nas eliminatórias e foi parar no Grupo 1. Com isso, era necessário vencer a Grécia para ter a chance de galgar o Olimpo do tênis na próxima temporada.

A nova geração de tenistas pode reviver memórias de campanhas históricas do Brasil na Davis. Em 1992, a equipe formada por Jaime Oncins, Luiz Mattar, Fernando Roese e Nelson Aerts, capitaneada por Paulo Cleto, alcançou a semifinal após vitórias sobre Alemanha e Itália. Oncins marcou uma vitória inesquecível contra o norte-americano Pete Sampras, uma das lendas do esporte, em Maryland. O sonho acabou diante dos Estados Unidos, mas aquela campanha consolidou a equipe como uma surpresa mundial.

O feito se repetiu em 2000, novamente com Cleto como capitão. Guga Kuerten, então número 1 do mundo, liderava um time que contava também com Fernando Meligeni, André Sá e também Jaime Oncins. O Brasil superou Eslováquia e Venezuela, bateu a forte República Tcheca e caiu na semifinal diante da Austrália, em Brisbane. Foi a consagração de uma geração que colocou o país entre as grandes forças do tênis no mundo.

A vitória em Atenas tem sabor especial. Há um longo caminho até 2026, mas o triunfo de Fonseca sobre Tsitsipas mostra que a tradição construída nas décadas passadas pode encontrar continuidade na nova geração. ■

O título e a dívida

Corinthians celebra o heptacampeonato brasileiro conquistado pelo time feminino enquanto enfrenta o sufoco da dívida que chegou a R$ 2,63 bi, que compromete o futuro do clube

O time feminino do Corinthians fez a festa da torcida no domingo 14. As Brabas se sagraram, pela sétima vez, campeãs brasileiras. Desta vez, o título veio com a equipe derrotando, em casa, as atletas do Cruzeiro por 1 a 0. A Fiel compareceu em peso ao estádio: 41.130 mil pessoas estiveram na Neo Química Arena, maior público do futebol naquele fim de semana, superando os de jogos do campeonato masculino como Palmeiras e Internacional, no Allianz Parque (39.640), e Fluminense e Corinthians, no Maracanã (21.091).

Este é o sexto título consecutivo das Brabas, o que reafirma o sucesso da equipe feminina. A conquista rendeu ao Timão uma premiação de R$ 1,8 milhão, um valor bem-vindo, mas insuficiente para aliviar a pressão financeira que o clube paulista está vivendo. A dívida do Corinthians cresceu e chegou a R$ 2,63 bilhões, segundo balanço do primeiro semestre. Esse montante projeta uma sombra sobre o futuro do clube e impacta também o do time masculino.

O relatório financeiro, divulgado recentemente pelo clube, apresenta um cenário alarmante. O Corinthians registrou um déficit de R$ 60,2 milhões, resultado drasticamente oposto à meta orçamentária, que previa um superávit de R$ 2,3 milhões. Esse rombo contribuiu para que a dívida bruta total saltasse de R$ 2,56 bilhões, em dezembro de 2024, para os atuais R$ 2,63 bilhões.

A principal razão para o resultado negativo reside no descontrole das despesas. Os gastos do clube no período atingiram R$ 424,8 milhões, um valor quase R$ 96 milhões acima do planejado. O maior vilão das contas foi a despesa com pessoal, que engloba salários de jogadores e funcionários. O custo totalizou R$ 298,6 milhões, ultrapassando o orçamento em R$ 79,4 milhões.

Esse passivo, que inclui R$ 1,96 bilhão em endividamento direto do clube e R$ 675,2 milhões referentes ao financiamento da Neo Química Arena com a Caixa Econômica Federal, gera consequências capazes de influenciar o desempenho no gramado.

Uma delas é o "transfer ban", punição imposta pela Fifa que impede clubes de negociarem jogadores enquanto houver pendências com outros times ou empresários. No caso do Corinthians, o "transfer ban" foi aplicado em agosto passado porque o clube deve US$ 6,145 milhões ao mexicano Santos Laguna, de quem contratou, em janeiro de 2024, o zagueiro Félix Torres.

A punição afeta o Corinthians como um todo, do masculino ao feminino. Porém, como o primeiro elenco é o que tem os jogadores mais caros, é sobre ele que a dívida impacta mais. Apesar do peso da dívida, o Corinthians demonstra resiliência em suas fontes de receita. Os direitos de televisão são o pilar financeiro, com R$ 174,3 milhões arrecadados no semestre, em linha com a meta. Os patrocínios também tiveram desempenho robusto: R$ 96,1 milhões.

Diante da encruzilhada financeira, o Timão aposta em uma cartada decisiva para virar o jogo: a renegociação dos naming rights da Neo Química Arena. O objetivo é fechar um novo acordo por um valor até três vezes superior ao contrato vigente com a Hypera Pharma. O clube negocia com ao menos quatro empresas interessadas. A Fiel espera que essa e outras medidas possam tirar o Corinthians do sufoco.

Em campo, o time masculino, treinado por Dorival Júnior, completou a 23ª rodada do Brasileirão na 9ª posição, com 29 pontos. O próximo embate, no domingo 21, será no Recife com o Sport, o atual lanterna. Depois, recebe em casa, no domingo 28, o Flamengo, o líder do campeonato. Já na Copa do Brasil, em dezembro, o Corinthians enfrentará o Cruzeiro, pelas semifinais. ■

As Brabas venceram o time do Cruzeiro e se tornaram campeãs brasileiras, pela sétima vez

MIGUEL SCHINCARIOL/AFP

Ancestralidade com sustentabilidade

A grife reflete conforto e traz na estampa símbolos africanos

Marca da designer paulista Suellen Ingrid coloca cultura afro no centro da criação e investe na reutilização de resíduos têxteis

Filha de uma costureira, a designer, educadora e empreendedora Suellen Ingrid carrega desde a infância a paixão pela criação manual. Quando pequena, via a mãe transformar tecidos em roupas. Hoje, ela recorre a resíduos têxteis e utiliza a técnica de upcycling – a reutilização de materiais descartados ou subutilizados – para desenvolver as peças de sua grife, a Afroish.

Suellen escolheu se dedicar à moda afro contemporânea ao notar a ausência de marcas que representassem essa identidade. Há seis anos, ela adicionou um sufixo em inglês, ish (que se refere à proximidade ou conexão com um conceito), à palavra "afro" para lançar uma grife que remete à afrocentricidade. "Criei uma empresa em que o negro é o centro das criações", explica.

No início, Suellen costurava cada peça. Com o crescimento da empresa, passou a contar com o apoio de uma confecção e agora se dedica exclusivamente a criar os modelos. A Afroish tem coleções fixas, mas a designer também desenvolve peças sob demanda, sempre preservando a estética e os símbolos africanos. "Aceito encomendas. No entanto, toda criação é feita de forma consciente, com zero resíduo", diz.

Cada sobra de tecido tem destino certo. As peças são armazenadas até que surja a oportunidade de reaproveitá-las. "Minha responsabilidade social começa na produção, segue no comércio e se estende à pós-produção", afirma.

Outro posicionamento da marca é pelo que se chama de "athleisure". Ou seja, modelos de estética esportiva que unem conforto e estilo casual. E sem deixar de trazer estampas com referências africanas.

O lançamento mais recente da grife foi uma coleção fitness com estampas autorais, patrocinada pelo Instituto C&A. Para essa linha, Suellen optou por uma malha biodegradável e sustentável, feita à base de água e livre de agentes poluentes. "Desenhei um conjunto com top e bermuda, um macaquinho, uma regata estruturada e uma bermuda modelo soltinho", detalha. Além disso, as peças foram feitas para vestir diferentes corpos e estilos.

Suellen Ingrid: toda criação é feita de forma consciente

FOTOS DIVULGAÇÃO

Atualmente, as vendas são realizadas online, com atendimento individualizado. Algumas criações também estão disponíveis em lojas colaborativas. O próximo passo é abrir um espaço físico, que expresse a identidade da marca. "Quero que os clientes tenham a experiência completa, sentindo de perto a essência da Afroish e conhecendo todo o processo por trás de cada produção."

Em paralelo, Suellen atua como arte-educadora e se apresenta em eventos com o objetivo de empoderar outras mulheres e gerar renda. Em parceria com o programa Fábrica de Cultura, do governo de São Paulo, ela montou um ateliê colaborativo na Brasilândia, zona norte da capital, onde ministrou por um ano um curso gratuito sobre moda circular e design. A primeira turma formou 20 alunos da comunidade. ■

Bebida

Vai um vinho sem álcool?

Vinícola lança linha de produtos desalcoolizados, novidade que mira na Geração Z, mais propensa a hábitos saudáveis, e no público religioso

JÉSSICA DEON/ DIVULGAÇÃO

O produto chega ao mercado nas versões branco e tinto em outubro com valor de R$ 55

Apostando em uma tendência de consumo cada vez mais voltada ao bem-estar, a Vinícola Aurora amplia seu portfólio de produtos com uma linha de vinhos sem álcool. A iniciativa sucede à boa aceitação dos espumantes da mesma categoria, lançada em 2023. O investimento em bebidas zero álcool responde a uma mudança de comportamento observada no mercado. Se durante a pandemia, com o isolamento, houve um crescimento no consumo de bebidas alcoólicas, o período subsequente apontou uma busca por moderação.

"As pessoas começaram a perceber os prejuízos do excesso de álcool à saúde e às relações", afirma Rodrigo Valério, diretor de marketing e vendas da Aurora. Segundo ele, essa nova consciência impulsionou, entre 2020 e 2025, um aumento de aproximadamente 40% no consumo de suco de uva, sinalizando uma clara oportunidade para bebidas sofisticadas e livres de álcool. A vinícola coloca suas fichas nesse segmento, oferecendo uma alternativa que mantém o ritual e a complexidade do vinho, mas se alinha às novas prioridades do consumidor.

Um dos públicos que está no radar da empresa com o lançamento é a Geração Z. De acordo com estudo da consultoria MindMiners, nos Estados Unidos, esses jovens, com idades entre 18 e 25 anos, não seguem os hábitos das gerações anteriores: 45% dos representantes da Geração Z disseram consumir bebidas alcoólicas, ante 57% entre Millennials (29 a 44 anos) e 67% na geração X (45 a 60 anos).

O segundo alvo é o público religioso, especialmente o evangélico, que representa 26,9% da população brasileira, de acordo com o IBGE. Para esse grupo, a bebida é como um passaporte para a inclusão social. "Para pessoas que, devido à religião, não admitem bebida alcoólica, a taça de vinho desalcoolizado permite que se sintam completas em eventos como casamentos ou festas", explica Valério. Sem essa opção, o que resta é brindar com refrigerante ou água. O alcance se estende a consumidores muçulmanos, o que já posiciona parte da produção da Aurora para exportação a países árabes.

A palavra "desalcoolizado" é importante para descrever o processo de fabricação da bebida. E isso deixa claro como as produções do vinho sem álcool e do suco de uva integral são diferentes. A distinção começa na matéria-prima: o primeiro utiliza uvas finas, como Chardonnay para o branco e Cabernet Sauvignon para os tintos, enquanto o suco comumente emprega uvas de mesa.

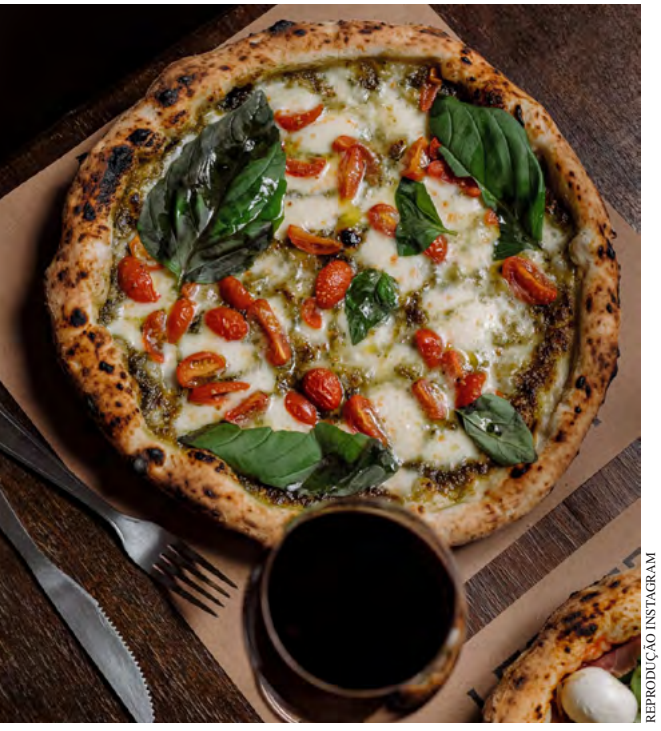
A principal diferença, contudo, está no processo. O vinho sem álcool passa por todas as etapas de vinificação tradicional e apenas ao final, o álcool é retirado. "Essas alterações são irreversíveis, o que significa que, ao remover o álcool, a bebida não retorna a ser um suco, mas sim uma bebida distinta", detalha Christian Bernardi, enólogo responsável pelo produto. O álcool é removido por meio de evaporação a vácuo, no qual o vinho é aquecido e o álcool, mais volátil, é extraído sob pressão reduzida.

O mercado de vinhos desalcoolizados, comparado às cervejas, ainda é incipiente no Brasil e a Aurora se posiciona como a primeira entre as grandes produtoras nacionais a investir na categoria. A nova linha de vinhos, com preço sugerido de R$ 55 por garrafa, estará disponível a partir de outubro. O enólogo ressalta que provar um vinho exige calibragem de expectativas. Afinal, o sabor é bem diferente das bebidas convencionais. ■

Comida

Na elite das redondas

A pizzaria paulistana Leggera Pizza Napoletana é a terceira do mundo no "Guia Michelin" do setor. Brasil emplaca mais cinco casas no ranking



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Terceira pizzaria segundo o ranking 50 Top Pizza, a Leggera é comandada pelo chef André Guidon

A gastronomia brasileira alcançou um novo patamar de reconhecimento internacional, desta vez no universo das pizzas. A Leggera Pizza Napoletana, em São Paulo, foi eleita a terceira melhor pizzaria do mundo pelo ranking 50 Top Pizza, um dos mais influentes do segmento, a ponto de ser chamado de "Guia Michelin" do setor. O anúncio coloca o Brasil no pódio de uma competição acirrada, que teve no primeiro lugar um empate entre a I Masanielli, de Caserta, no sul da Itália, e a Una Pizza Napoletana, de Nova York. A segunda posição ficou com a The Pizza Bar on 38th, de Tóquio, no Japão. A casa paulistana, comandada pelo chef André Guidon, conseguiu um feito já que o Brasil ainda não tinha atingido os primeiros lugares desse guia global, criado em 2017 na Itália por jornalistas especializados em gastronomia. O Brasil emplacou mais cinco casas no ranking. Quatro são de São Paulo: QT Pizza e A Pizza da Mooca, empatadas na 36ª posição; Unica Pizzeria, no 50º lugar, e Veridiana, a 96ª melhor pizzaria do mundo. O Rio de Janeiro também está presente na lista, com a Ferro e Farinha garantindo o 31º posto.

O 50 Top Pizza 2025 tem representantes de 37 países. A Itália lidera o ranking, com 41 pizzarias. Os EUA estão na vice-liderança, com 16. E em seguida está o Brasil.

Com o resultado deste ano, a Leggera demonstra a consistência do trabalho da casa. Em 2024, a pizzaria paulistana conquistou o 13º lugar. Ou seja, a casa subiu dez posições na lista. Além disso, em junho passado, Guidon foi reconhecido por outra premiação, a The Best Pizza Awards, como um dos melhores pizzaiolos do mundo.

Ser indicado no guia confere um selo de qualidade respeitado internacionalmente. O ranking é um termômetro de tendências e da excelência no preparo da iguaria. Inspetores anônimos avaliam estabelecimentos em todos os continentes, considerando o sabor, a qualidade dos ingredientes, o serviço, o ambiente e a carta de bebidas.

O destaque das casas brasileiras na lista se deve, em grande parte, à capacidade de manter um padrão de alta qualidade de forma consistente, um dos critérios fundamentais da premiação. Para figurar no ranking, as pizzarias precisam comprovar que o nível de excelência é o mesmo em todas as suas filiais, o que demanda um rigoroso controle de processos, treinamento de equipe e uma seleção criteriosa de insumos.

O talento nacional transcendeu as fronteiras do país, com uma nomeação que indica que o Brasil também exerce influência em pizzarias no exterior. A Sartoria Panatieri, de Barcelona (Espanha), conquistou o 20° lugar no ranking. Ela é comandada pelo gaúcho Rafael Panatieri. ■

Top 10 das pizzarias

- 1. Una Pizza Napoletana, de Nova York (EUA), e I Masanielli, de Caserta (Itália)
- 2. The Pizza Bar on 38th, em Tóquio (Japão)
- 3. Leggera Pizza Napoletana, em São Paulo (Brasil)
- 4. Confine, em Milão, e Diego Vitagliano, em Nápoles (Itália)
- 5. Napoli on the Road, em Londres (Inglaterra)
- 6. Seu Pizza Illuminati, em Roma (Itália)
- 7. I Tigli, em San Bonifacio (Itália)
- 8. Baldoria, em Madri (Espanha)
- 9. Pizzeria Sei, em Los Angeles (EUA)
- 10. Tony's Pizza Napoletana, em San Francisco (EUA)

E recomeça a maratona

"O Agente Secreto" é o representante do Brasil na trajetória rumo ao Oscar em 2026, mas a disputa pela indicação com outro peso pesado nacional foi aguerrida

A vitória histórica de "Ainda Estou Aqui" no Oscar, em março, quando o longa-metragem de Walter Salles conquistou o prêmio de Melhor Filme Internacional, elevou as expectativas em torno do cinema brasileiro. Agora, o país já tem um nome para ir em busca da estatueta em 2026. A Academia Brasileira de Cinema anunciou na segunda-feira, 15, que "O Agente Secreto", do diretor pernambucano Kleber Mendonça Filho, é o escolhido para representar o Brasil na disputa por uma vaga na lista dos concorrentes dessa cobiçada categoria. Esta é apenas uma das etapas no longo caminho com destino à badalada premiação do cinema.

A decisão coroa um filme que chegará aos cinemas brasileiros em 6 de novembro com um passaporte carimbado pelos principais festivais do mundo. A trajetória de "O Agente Secreto", um thriller político estrelado por Wagner Moura, começou no Festival de Cannes. Ambientado em 1977, o longa conta a história de um especialista em tecnologia, Marcelo, que retorna para sua terra natal, Recife, em busca de paz, mas ele percebe que a cidade está longe de ser o refúgio que procura.

No festival francês, o longa recebeu os prêmios de Melhor Diretor e Melhor Ator, além do prestigioso prêmio da crítica internacional. No Festival de Cine de Lima, no Peru, para citar mais um evento de seu circuito internacional, o longa recebeu os prêmios de Melhor Filme do júri oficial e Melhor Filme pela crítica internacional. "O Agente Secreto" conta ainda com um trunfo fundamental: sua distribuição e campanha para o Oscar nos Estados Unidos serão conduzidas pela Neon, empresa responsável pelos sucessos de "Parasita" e "Anora".

Recentemente, outro filme começou a ganhar a preferência de pesos-pesados fora da indústria cinematográfica: "Manas", de Marianna Brennand, que denuncia a violência sexual na Ilha de Marajó. Um abaixo-assinado com nomes de empresários, como Luiza Trajano (do Magazine Luiza) e Ernesto Pousada (CEO do Vibra), defendia a escolha do filme.

Com pressão ou sem pressão, a escolha do representante brasileiro cabe a uma comissão de especialistas a partir de uma lista final com outros cinco concorrentes, além dos dois já citados: "O Último Azul", de Gabriel Mascaro; "Kasa Branca", de Luciano Vidigal; "Oeste Outra Vez", de Erico Rassi; e "Baby", de Marcelo Caetano.

"Manas" também ganhou visibilidade internacional. O ator norte-americano Sean Penn é produtor-executivo do filme e se empenhou em divulgá-lo em Hollywood. Em meio a tudo isso, a atriz Fernanda Torres elogiou Penn como produtor de "Manas". Seguiu-se uma polêmica nas redes. A mensagem foi interpretada como torcida e a atriz precisou voltar às redes, na véspera do anúncio da Academia Brasileira, para explicar que não estava fazendo campanha. Fernanda recomendou todas as obras na disputa pela vaga, mas comentou o favoritismo do filme de Kleber Mendonça: "Acho que 'O Agente Secreto', com a Neon, com Cannes, com Kleber, com Wagner, com as apostas todas, eu acho que vai ser o escolhido". Acertou.

Oficializado como representante do Brasil, "O Agente Secreto" dá largada a uma nova jornada rumo ao Oscar. A produção vai disputar com dezenas de filmes de outros países um lugar na primeira pré-seleção, que será divulgada em 16 de dezembro. Caso avance, o próximo passo será a lista final com os cinco indicados, anunciada em 22 de janeiro de 2026. A cerimônia do Oscar está agendada para 15 de março. ■

A obra de Kleber Mendonça ganhou tração com o sucesso em Cannes, onde ganhou Melhor Diretor e Melhor Ator para Wagner Moura

DIVULGAÇÃO

Entre baques e surpresas

"Adolescência", da Netflix, foi um dos grandes destaques do Emmy 2025; "The Pitt", da HBO, surpreendeu; "Ruptura" e "The White Lotus" têm noite decepcionante

A 77ª edição do Emmy Awards, realizada no domingo, 14, em Los Angeles, foi marcada por surpresas, um recorde e discursos potentes, mas contados no relógio. Embora a minissérie britânica "Adolescência", da Netflix, tenha confirmado seu favoritismo e varrido suas categorias com seis estatuetas, duas das produções com mais chances de prêmios não se deram bem. "The Pitt", drama médico da HBO Max, foi a vencedora na categoria de Melhor Série de Drama, desbancando a aclamada "Ruptura", que liderava com 27 indicações (incluindo as técnicas, que são reveladas dias antes). Na comédia, a sátira "O Estúdio", da Apple TV+, se consagrou como a melhor do ano. "The White Lotus" A noite foi um reflexo das transformações da indústria, premiando novas produções e talentos emergentes, ao mesmo tempo em que veteranos reafirmaram seu lugar de destaque.

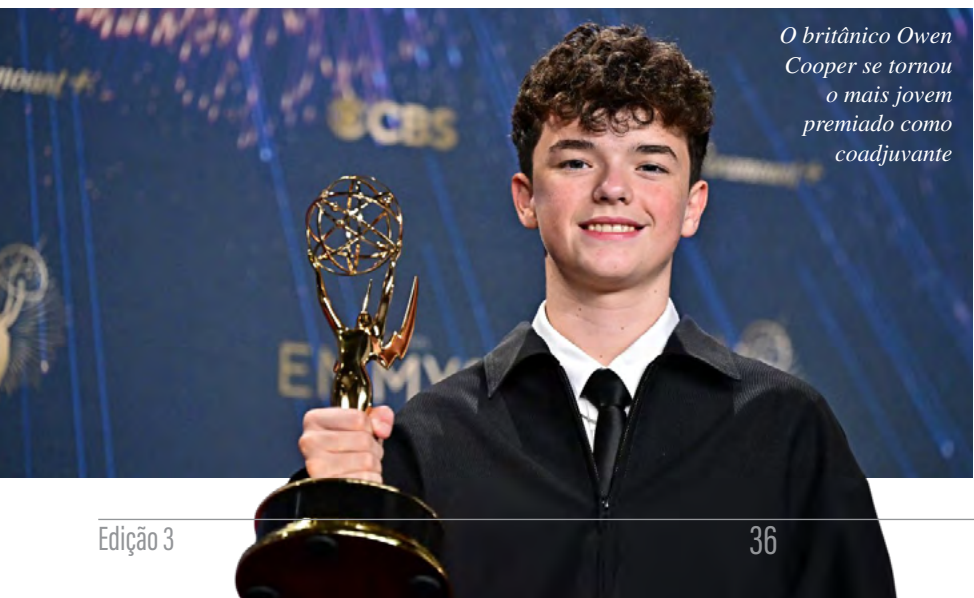
"Adolescência" levou os prêmios mais cobiçados em sua área: Melhor Minissérie, Direção, Roteiro e prêmios para os atores Stephen Graham e Erin Doherty. O momento mais marcante, contudo, coube a Owen Cooper, que conquistou o troféu de Ator Coadjuvante. Aos 15 anos, ele se tornou o ator mais jovem a receber um troféu do Emmy em toda a história. Em seu primeiro papel na carreira, o jovem fez um discurso inspirador: "Eu não era nada há três anos, e estou aqui. Se você focar, ouvir e sair da sua zona de conforto, quem se importa se você passar vergonha? Qualquer coisa é possível", declarou.

Para as equipes de "Ruptura" e "The White Lotus", a frustração deu o tom da noite de premiação. A primeira teve de se contentar com apenas dois prêmios para Britt Lower e Tramell Tillman – que é o primeiro homem negro a vencer a categoria de Melhor Ator Coadjuvante em Série de Drama.

Já "The White Lotus", que tinha 23 indicações (número que inclui as técnicas), amargou uma derrota completa na noite de domingo, saindo da cerimônia de mãos vazias. A série da HBO tinha sete atores indicados.

A surpresa da festa, "The Pitt", celebrou o prêmio de Melhor Ator em Série de Drama para o veterano Noah Wyle. Em seu discurso, o ator, que ficou famoso em "Plantão Médico", homenageou os profissionais da saúde: "Dedico este prêmio a todos que estão de plantão esta noite".

Apesar da promessa dos produtores de uma cerimônia politicamente neutra, os discursos de alguns vencedores trouxeram mensagens contundentes. Ganhadora da estatueta de Melhor Atriz Coadjuvante em Comédia, Hannah Einbinder ("Hacks") encerrou sua fala com um grito de "Palestina livre" – ela é judia. Outros artistas, como Javier Bardem, que usou um keffiyeh (o lenço palestino), e Megan Stalter, com uma bolsa com a inscrição "Cessar-fogo agora", também levaram suas posições políticas ao evento. ■



O britânico Owen Cooper se tornou o mais jovem premiado como coadjuvante

FREDERIC J. BROWN / AFP

Principais prêmios

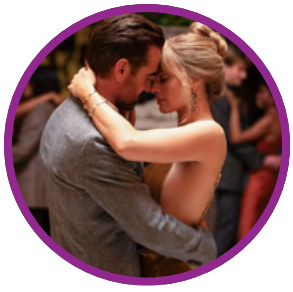
- Melhor Série de Drama: "The Pitt"
- Melhor Série de Comédia: "O Estúdio"
- Melhor Minissérie: "Adolescência"
- Melhor Ator em Série de Drama: Noah Wyle ("The Pitt")
- Melhor Atriz em Série de Drama: Britt Lower ("Ruptura")
- Melhor Ator em Série de Comédia: Seth Rogen ("O Estúdio")
- Melhor Atriz em Série de Comédia: Jean Smart ("Hacks")
- Melhor Ator em Minissérie: Stephen Graham ("Adolescência")
- Melhor Atriz em Minissérie: Cristin Milioti ("Pinguim")

Filmes e séries

Limites do amor e da imprensa

Nos cinemas, estreia "A Grande Viagem da Sua Vida", drama com Margot Robbie e Colin Farrell. Nas plataformas, "Superman" é uma das pedidas

Em cartaz no cinema



FOTOS REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"A Grande Viagem da Sua Vida"
Uma mulher à beira da morte embarca em uma jornada ousada e transformadora que desafia os limites do amor e da vida. Drama dirigido por Kogonada, com Margot Robbie e Colin Farrell.

MURRAY CLOSE/LIONSGATE

"A Longa Marcha: Caminhe ou Morra"
Em um futuro distópico, jovens são forçados a participar de uma competição mortal de caminhada sem paradas, onde o último sobrevivente ganha tudo. Terror baseado em obra de Stephen King e dirigido por Francis Lawrence.

RETRATO FILMES/DIVULGAÇÃO

"Apanhador de Almas"
Um ritual mágico dá errado e um grupo de amigas se vê preso em uma disputa com uma entidade sobrenatural que coleciona almas. Produção brasileira de terror com direção de Fernando Alonso e Nelson Botter Jr. e com a atriz Klara Castanho no elenco.

DIVULGAÇÃO

"Sr. Blake ao Seu Dispor"
Um empresário britânico fica viúvo e resolve ir para a França e rememorar o lugar onde conheceu a esposa. Os planos mudam e ele vira mordomo numa mansão. Com John Malkovich e Fanny Ardant.

Destaques do streaming

"Superman"
Dirigido por James Gunn, o filme marca o retorno do super-herói em uma produção solo depois de 12 anos. Nele, Superman concilia sua vida dupla entre kryptoniano e ser humano, na pele de Clark Kent (David Corenswet). Estreia no dia 19. HBO Max

JESSICA MIGLIO

"Black Rabbit"
Jake Friedken (Jude Law), dono de um restaurante, tem sua vida virada de cabeça para baixo quando seu irmão problemático, Vince (Jason Bateman), retorna. A reunião desencadeia uma espiral de traumas antigos e novos perigos. Netflix

DIVULGAÇÃO

"The Paper"
A mesma equipe de documentaristas que registrou a rotina da filial de Scranton em "The Office" agora tem a missão de revitalizar um jornal histórico, enfrentando desafios como a falência e os dilemas éticos da redação moderna. HBO Max

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"The Morning Show"
Quarta temporada da trama. Estrelada por Jennifer Aniston e Reese Witherspoon, a história começa dois anos após a fusão da UBA com a NBN, com a redação lidando com um mundo polarizado e repleto de deepfakes e conspirações. A estreia foi no dia 17. Apple TV+

DIVULGAÇÃO

O cinema perde um de seus ícones

O ator e diretor Robert Redford deu impulso à produção independente com a criação do Festival de Sundance. Importalizado por filmes como "Todos os Homens do Presidente", o astro morreu aos 89 anos

O cinema perdeu um de seus gigantes. Robert Redford, o ator de olhar magnético que se tornou um dos cineastas mais respeitados de sua geração, morreu na madrugada da terça-feira, 16, aos 89 anos, enquanto dormia em sua casa, nas montanhas de Utah, informou sua assessoria. Com uma carreira que se estendeu por seis décadas, Redford deixa uma marca indelével, não só pelos papéis que imortalizaram seu nome, mas por ter alterado fundamentalmente os rumos da indústria, principalmente por seu apoio ao cinema independente.

Sua ascensão nos anos 1960 e 1970 coincidiu com a efervescência da Nova Hollywood, movimento nos Estados Unidos em que os cineastas tinham mais controle criativo sobre as obras. Redford é tido como um dos galãs daqueles tempos, porém ele fugiu do "padrão clássico" e escolheu projetos em que podia fazer seu talento se sobressair. Ao lado do amigo Paul Newman, formou uma dupla carismática que fez sucesso em "Butch Cassidy" (1969). Seu personagem no filme, Sundance Kid, lhe renderia um apelido eterno. Com "Golpe de Mestre" (1973), obteve sua única indicação ao Oscar de Melhor Ator. Com "Todos os Homens do Presidente" (1976), sobre o famoso caso Watergate (que levou o presidente Richard Nixon a renunciar à presidência dos Estados Unidos), ele consolidou sua imagem: a de um artista que usava seu imenso apelo de bilheteria para levar ao público narrativas complexas e politicamente relevantes.

Sua estreia como diretor foi premiada pela Academia: com o drama "Gente Como a Gente" (1980) conquistou as estatuetas de Direção e Filme. Seguiram-se outras obras aclamadas como "Nada é para Sempre" (1992) e "Quiz Show – A Verdade dos Bastidores" (1994), que lhe rendeu outra indicação ao Oscar de diretor.

Uma de suas contribuições mais importantes para o cinema, porém, foi longe de Hollywood. Observando a indústria se tornar cada vez mais centralizada e avessa a riscos, Redford usou sua influência para criar um refúgio para a criatividade. Em 1981, fundou o Sundance Institute, uma organização sem fins lucrativos com a missão de nutrir novos talentos. Pouco depois, assumiu um pequeno festival de cinema em Utah e o transformou no Festival de Sundance, hoje a principal vitrine mundial da produção independente.

Sundance tornou-se a plataforma que abriu os olhos do mundo para nomes como Quentin Tarantino, Paul Thomas Anderson e Steven Soderbergh, diretores autorais que possivelmente não teriam tanto espaço no sistema dos grandes estúdios. O festival foi fundamental até para o cinema brasileiro, premiando o roteiro de "Central do Brasil", de Walter Salles. "Via outras histórias que não estavam tendo oportunidade de serem contadas e pensei: 'Talvez eu possa dedicar minhas energias para dar a essas pessoas uma chance'", disse o cineasta em 2018.

Redford construiu um ecossistema que permitiu que a arte floresça mesmo distante de Hollywood. E isso foi reconhecido em 2002, quando recebeu um Oscar Honorário por sua carreira como ator, diretor, produtor e por sua contribuição para o cinema independente por meio do Sundance Institute e do Festival de Sundance. ■

KEN DARELOS
ANGELES TIMES

Com "Golpe de Mestre", de 1973, Redford obteve sua única indicação ao Oscar de Melhor Ator

O orquestrador de sons

Reconhecido dentro e fora do Brasil, o multi-instrumentista alagoano Hermeto Pascoal morre aos 89 anos; famoso por criar música até com objetos inusitados, como uma chaleira, ele conquistou três Grammys e participou de álbum de Miles Davis

A música brasileira perdeu um de seus artistas mais reverenciados dentro e fora do país. O multi-instrumentista, compositor e arranjador Hermeto Pascoal morreu no sábado, 13, aos 89 anos, no Hospital Samaritano, no Rio de Janeiro. A notícia foi divulgada pela família por meio de uma nota nas redes sociais do músico, que pedia para que a tristeza não tomasse conta e que a música universal, tão defendida por ele, continuasse a tocar. "Quem desejar homenageá-lo, deixe soar uma nota no instrumento, na voz, na chaleira e ofereça ao universo. É assim que ele gostaria".

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Hermeto Pascoal era conhecido como "Bruxo" pelas experimentações que fazia. Ele defendia que tudo poderia se tornar um instrumento musical

Nascido em 22 de junho de 1936, em Lagoa da Canoa, Alagoas, Hermeto Pascoal Oliveira da Costa era albino e, por isso, não podia trabalhar na lavoura com a família. Ele encontrou nos sons do ambiente sua primeira orquestra. Autodidata, aos 7 anos já dominava a sanfona de oito baixos do pai e, aos 10, iniciava sua carreira profissional, tocando em bailes e festas. Sua genialidade o levou rapidamente das rádios de Recife e da Paraíba para o centro da cena musical no Rio de Janeiro e em São Paulo. Conhecido como "O Bruxo", Hermeto não via limites para a criação musical. Sua filosofia era a da "música universal", em que tudo pode se tornar um instrumento: de bules a brinquedos.

Sua trajetória foi meteórica. Nos anos 1960, integrou o lendário Quarteto Novo ao lado de Airto Moreira, Theo de Barros e Heraldo do Monte. O grupo, que acompanhou artistas como Edu Lobo e Elis Regina, foi fundamental para fundir a música regional nordestina com as harmonias do jazz, criando uma sonoridade única e revolucionária. Foi por meio de Airto Moreira, percussionista que à época tocava com Miles Davis, que o talento de Hermeto cruzou o Atlântico. No final de 1969, o multi-instrumentista se mudou para os Estados Unidos, onde iniciou uma frutífera, ainda que breve, colaboração com o gigante do jazz. Davis, que o chamava de "albino louco", incluiu três de suas composições no icônico álbum "Live-Evil" (1971): "Igrejinha", "Nem Um Talvez" e "Selim".

Desse modo, o nome de Hermeto Pascoal começou a ganhar o mundo. Davis dizia que o brasileiro era "um dos músicos mais importantes do planeta".

Sua discografia é um testamento de sua prolífica e incansável busca por novas fronteiras sonoras. Álbuns como 'A Música Livre de Hermeto Pascoal' (1973), 'Zabumbê-bum-á' (1979) e 'Só Não Toca Quem Não Quer' (1987) consolidaram sua reputação como um músico de vanguarda, cujas harmonias complexas e melodias sinuosas influenciaram gerações de artistas.

Um de seus projetos mais ambiciosos foi o "Calendário do Som", iniciado em 1997, no qual se propôs a compor uma música por dia durante um ano inteiro, para que cada pessoa pudesse ter uma canção de aniversário. As partituras foram publicadas em um livro, de 414 páginas, da Editora Senac, tornando-se item de colecionador.

Hermeto foi três vezes vencedor do Grammy Latino e recebeu títulos de doutor honoris causa da Juilliard School (EUA), da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal de Alagoas.

Seu último trabalho de estúdio, um álbum duplo gravado em 2024, foi uma homenagem a sua mulher, Ilza da Silva, que o acompanhou por mais de 40 anos e que faleceu em 2000. Intitulado 'Pra Você, Ilza', o disco reuniu composições que ele havia criado para a companheira ao longo de décadas, mas que nunca tinham sido gravadas. Juntos, tiveram seis filhos. Hermeto também deixa 13 netos e 10 bisnetos.

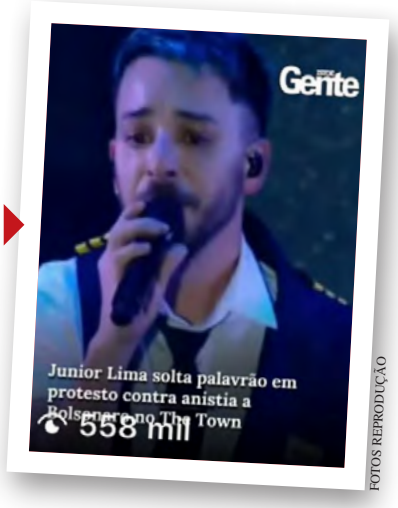
Inovador, Hermeto Pascoal deixa um legado imensurável. Ele não apenas compôs e tocou; ele ensinou o mundo a ouvir o vento, a água, a cadeira. Para Hermeto, tudo era música. ■

Desabafos, crime e prisão

O protesto de Junior Lima no The Town, o desabafo de Regina Casé, os dias de Robinho na prisão, os riscos de consumir ostras e o assassinato do ex-delegado Ruy Ferraz Fontes mobilizaram as redes

Junior Lima protesta contra anistia a Bolsonaro

O cantor Junior Lima, de 41 anos, usou sua apresentação no The Town, no sábado 13, para se manifestar contra o projeto de anistia para beneficiar o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), condenado a 27 anos e três meses de prisão por tentativa de golpe de Estado, em decisão da Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal.



FOTOS REPRODUÇÃO

Robinho não está adaptado à prisão

Preso em 2024 após ser condenado a nove anos de prisão por agressão sexual na Itália, Robinho não se adaptou à rotina da prisão e estaria "falando sozinho" no pátio da penitenciária. É o que afirma o jornalista Ulisses Campbell no livro "Tremembé: O presídio dos famosos". Em entrevista aos podcasts Flow e Ticaraticast, o autor explicou que houve um aumento no número de visitas aos demais presos para que as pessoas pudessem ver o ex-jogador.

Assassinato expõe falta de investimento de Tarcísio, critica delegada

A execução de Ruy Ferraz Fontes, ex-delegado-geral da Polícia Civil de São Paulo e um alvo do PCC, refletiu a falta de investimento do governo Tarcísio de Freitas (Republicanos) na corporação responsável por desarticular o crime organizado no estado, segundo Jacqueline Valadares, presidente do Sindpesp (Sindicato dos Delegados do Estado de São Paulo). Em entrevista à IstoÉ, ela afirmou não haver justificativa para que Fontes não tivesse proteção após a aposentadoria.

Vídeo: Ostras cruas podem causar infecção letal

Ostras podem conter a bactéria Vibrio, que causa vibriose, infecção que provoca náusea, vômito, diarreia e até sepse, que pode ser letal. Nos EUA, são registrados 80 mil casos por ano. Com o aquecimento das águas costeiras, a bactéria tende a se tornar ainda mais comum. Outro problema: ostras cruas podem transmitir hepatite A e norovírus. Para reduzir riscos, prefira prepará-las cozidas ou grelhadas.precisa para funcionar.

Regina Casé relembra problemas familiares

A atriz Regina Casé desabafou em entrevista ao canal GNT sobre os obstáculos que sua família teve de enfrentar, seja por sua filha mais velha, Benedita, que nasceu com problema auditivo, ou com o marido, Estêvão Ciavatta, que sofreu um grave acidente de cavalo e ficou temporariamente tetraplégico. "Passamos por muitas dores", disse.

www.istoe.com.br Instagram: @revistaistoe YouTube: m.youtube.com/@revistaISTOE X: @revistaISTOE TikTok: @revistaistoe LinkedIn: https://www.linkedin.com/company/istoe/

Palavra por palavra

ALBERTO PIZZOLI

"Ontem saiu a notícia de que Elon Musk será o primeiro trilionário do mundo. O que isso significa? Do que se trata? Se essa é a única coisa que tem valor, então temos um grande problema"

Papa Leão XIV, criticando altos valores de remuneração para CEOs, em trecho de entrevista para um livro, divulgado pelo site de notícias católicas Crux

AARON CHOWN/AFP

"O New York Times teve permissão para mentir, caluniar e me difamar livremente por muito tempo, e isso acaba agora. Tenho a grande honra de apresentar uma ação por difamação e calúnia de US$ 15 bilhões contra o The New York Times"

Donald Trump, presidente dos EUA, na rede Truth Social; ele chama o jornal de porta-voz do partido Democrata, de oposição

"Os tempos mudaram e, se quero contar minha história, não posso esconder quem sou"

Roberta Miranda, sobre sua biografia "Um lugar todinho meu", onde fala sobre sua bissexualidade

REPRODUÇÃO/FACEBOOK

VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

"Houve um planejamento de golpe, mas nunca teve o golpe efetivamente. No Brasil, a lei diz o seguinte: 'se você planejar um assassinato, mas não fez nada, não tentou, não é crime'. O golpe não foi crime"

Valdemar da Costa Neto, presidente nacional do PL, em evento em Itu (SP). Depois, divulgou nota negando que houve planejamento

"Mãe, você esteve presente por mim quando ninguém estava e quando ninguém aparecia. Seu amor e gentileza me marcaram. Esse prêmio é para você"

Tramell Tillman, ator da série "Ruptura", ao receber o Emmy de Melhor Ator Coadjuvante de Drama, o primeiro dado a um artista negro na categoria

FREDERIC J. BROWN/AFP

MICHAEL M. SANTIAGO/AFP

"Esta ação judicial não tem mérito. Carece de qualquer fundamento legítimo e, em vez disso, é uma tentativa de sufocar e desencorajar o jornalismo independente. O New York Times não se deixará intimidar"

The New York Times, em resposta à ação de Trump

Paixão sobre rodas.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br